

# **O BOLSONARISMO E O BRASIL PROFUNDO**

**A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL  
DO FENÔMENO E SEUS  
ELEMENTOS FORMATIVOS**

TIAGO MEDEIROS  
RODRIGO ORNELAS  
SINVAL ARAÚJO  
FABIO BALDAIA



**O BOLSONARISMO E O BRASIL PROFUNDO:  
A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO FENÔMENO  
E SEUS ELEMENTOS FORMATIVOS**



TIAGO MEDEIROS  
RODRIGO ORNELAS  
SINVAL ARAÚJO  
FABIO BALDAIA

**O BOLSONARISMO E O BRASIL PROFUNDO:  
A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO FENÔMENO  
E SEUS ELEMENTOS FORMATIVOS**

1ª Edição

Quipá Editora  
2024

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial:

Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá Editora  
Dra Anny Kariny Feitosa (IFCE)  
Dra. Elaine Carvalho de Lima (IFTM)  
Dra. Érica P. C. L. Machado (UFRN)  
Dra. Harine Matos Maciel (IFCE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B693 O bolsonarismo e o Brasil profundo : a dimensão sociocultural do fenômeno e seus elementos formativos / Tiago Medeiros Araújo ... [et al.]. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2024.

66 p. : il.

ISBN 978-65-5376-391-3

DOI 10.36599/qped-978-65-5376-391-3

1. Bolsonarismo. 2. Brasil profundo. 3. Ciência política. I. Araújo, Tiago Medeiros. II. Título.

CDD 320

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em setembro de 2024

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>05</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>15</b>
ENQUADRAMENTOS E INTERPRETAÇÕES DO BOLSONARISMO PELA IMPRENSA E PELA ACADEMIA	
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>24</b>
A NOÇÃO DE BRASIL PROFUNDO	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>30</b>
OS ELEMENTOS DE LONGA DURAÇÃO DO BOLSONARISMO EM SINTONIA COM O BRASIL PROFUNDO	
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>42</b>
ANÁLISE DE TRÊS DOMÍNIOS DE ATUAÇÃO DO BOLSONARISMO: INSTITUCIONAL, CULTURAL E POLÍTICO-IDEOLÓGICO	
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>62</b>

## PREFÁCIO

*Milton Moura*

Quando passou a circular a expressão Brasil profundo, comecei a me perguntar: de onde viria esse Brasil? Estaria lá no fundo de alguma coisa que botamos por cima, que corresponderia de modo mais apropriado aos nossos aparelhos de leitura? Haveria um Brasil mais profundo e outro mais superficial? Tive grande satisfação ao ver que este livro de Fábio Baldaia, Rodrigo Ornelas, Sinval Araújo e Tiago Medeiros vem ao encontro de boa parte das intrigações que acalentava, completando-as com percepções agudas, em linguagem ora sociológica, ora filosófica.

Vieram-me à mente algumas páginas que li na juventude, sobretudo o capítulo de *Economia e Sociedade* sobre os tipos puros da dominação legítima, de Max Weber, e o quinto capítulo de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Lembro de uma professora que, ao falar sobre o homem cordial, enfatizava ser o coração uma víscera, não um órgão de sentido. "O que o autor quer dizer é que o brasileiro é um homem visceral". E acrescentava a saudosa mestra: "O coração não faz carinho em ninguém; só fica batendo, devagar ou depressa..."

Também me vieram à mente páginas inesquecíveis de Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. Vadinho, o primeiro marido de Dona Flor, costuma parecer sempre engraçado, sensual, simpático e bem humorado. Em linguagem coloquial mais recente, era "safo". Fiscal de praças e jardins, sendo para isso assalariado, jamais foi visto no desempenho desse ofício... Chegou a agredir fisicamente a esposa, lhe tomava dinheiro e a deixava com frequência numa situação de eminente abandono, gerando incerteza e ansiedade. No caso de Dona Flor, isso não parecia contraditório, as paixões e agonias. Assim como personagens de João Ubaldo, oscilando tão facilmente entre gestos considerados nobres e atitudes que nada teriam desse predicado.

Quando menino, fiquei impressionado ao ouvir durante a Semana Santa que, em Jerusalém, a multidão preferiu Barrabás a Jesus. Perguntava-me por que, já que Jesus, sendo Deus, queria o bem de todo mundo. Muitas vezes ouvi falar sobre essa passagem célebre dos Evangelhos, e tive a impressão, em mais de uma oportunidade, que as personagens da Bíblia são tão humanos como aquelas criadas por João Ubaldo Ribeiro e Xavier Marques.

Com o propósito de me basear para redigir este Prefácio, busquei novamente o texto de Weber sobre o líder carismático, modelo de dominação que encontra a versão mais lapidada no governante de retórica virulenta e provocante e comportamento singular, que seduz multidões que,

por sua vez, lhe atribuem, por um período variável, qualidades extraordinárias e exclusivas. Seu poder pode inclusive ser revolucionário, mas, na sua consecução plena, o líder carismático é dominador, tirânico e autoritário.

O que nossos autores apresentam é uma elaboração primorosa sobre a configuração sócio-político-cultural desafiante que culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro e sua permanência no poder por um mandato marcado por uma pandemia. A propósito, nunca me pareceu tão eloquente o segundo prenome dessa personagem...

Parece que o brasileiro *típico* – lembrando que estou usando o termo na acepção weberiana – gosta desses líderes e aí encontra a realização de seu anseio por ser conduzido para além de dúvidas, reflexões e discussões. Quem saberia dizer com total precisão o que levou tantos eleitores baianos a votarem, no mesmo dia, em Luís Inácio Lula da Silva para Presidente e Antônio Carlos Magalhães para Governador? Pois isso aconteceu... Vem-me a lembrança de trajetórias meteóricas de perfis arrebatadores como Fernando Collor de Melo e Jânio Quadros. Entre outros aspectos, o que os distingue de Bolsonaro é que não completaram os mandatos, mas houve componentes homólogos e análogos entre os três no processo de construção de suas candidaturas e na captação de apoio popular. Moralizantes, desbocados, desaforados e destemidos.

O coloquial, o comunitário, o próximo pode também ser autoritário e violento. Não está isento de relações de dominação terríveis, que se manifestam nas teias e meandros da capilaridade social, da convivência cotidiana. Inclusive a malandragem...

Muito se escreveu sobre o malandro, tipo fantástico que encantava Wilson Batista e irritava Noel Rosa, nos anos 1930... Desliza pelos interstícios dos espaços da legitimidade linear. Escapole, evita, foge dos compromissos... e segue adiante.

Quem engomou os ternos brancos dos malandros que povoam o repertório do samba nos anos trinta e quarenta do século passado? Quem os alimentava, quem os mantinha? A fascinação que o malandro exerce sobre amplas parcelas da população brasileira se expressa especialmente no perfil da entidade Zé Pelintra. Enverga calça branca bem alinhada e camisa e gravata vermelhas, chapéu Panamá disposto de modo às vezes oblíquo e andar entre vacilante e plástico, numa coreografia sutil como se a todo momento se movesse entre a possibilidade de queda e um novo equilíbrio. Literalmente, o apaixonante Zé Pelintra sabe se virar!...

Amigo das encruzilhadas, como o orixá Exu, mostra-se imprevisível, surpreendente e acolhedor, constituindo uma das construções mais poderosas das religiões denominadas “de matriz africana”, sobretudo a Umbanda. Entretanto, quantos aspectos poderiam ser considerados ibéricos, como aqueles que despertam mal estar no nosso querido germanófilo Sérgio Buarque de Holanda, para quem os nossos males da brasilidade seriam em grande parte herdados da Península. Zé Pelintra é uma ode à familiaridade, informalidade, proximidade. Sempre enrolado e desenrolando, combina despojamento, ambivalência, engenhosidade e permanência...

Enfim, como diria algum cronista político, a sociedade brasileira não é para principiantes.

O estudo aborda o fenômeno do bolsonarismo a partir de diversos olhares, como vetores múltiplos a engendrar uma plataforma de gestão perversa, mas nunca propriamente absurda, pois encerra uma lógica própria. Este me parece o traço mais original e criativo do trabalho que agora vem a público. Mostrar como o perfil de Bolsonaro não pareceu absurdo ou louco aos olhos das multidões de todas classes e estratos sociais que o elegeram e apoiaram – e faltou pouco para que o reelegessem.

Num percurso bem ordenado de dar conta da empresa prometida, nossos pesquisadores instituem três eixos – institucional, político-ideológico e cultural. Nessa urdidura, alguns conceitos tomados operacionalmente como categorias de análise permitem traçar conexões entre os traços apresentados durante a campanha eleitoral de Bolsonaro e seu governo: simplismo, malandrismo, autodidatismo, autoritarismo, antidecoro, messianismo, punitivismo... E o Brasil profundo – pouco mais ou pouco menos que a metade – parece se sentir acolhido como num abrigo sob as asas desta criatura da nossa história.

“Eu também acho que ele errou quando teve a pandemia, mas gosto dele assim mesmo...”  
Frases assim apontam para a perda de suficiência de chaves conceituais como consciência, identidade, compromisso, alienação, projeto etc. para explicar ou compreender o fenômeno Bolsonaro. Quem sabe essas ferramentas teórico-metodológicas não são mesmo tão apropriadas quanto se pensava para a inteligência acerca da vida política de sociedades complexas. O politicamente correto não consegue sempre vencer ou convencer. Pode inclusive cansar e irritar. As racionalidades emanadas da formação do Estado moderno, passando pela Revolução Francesa e a Revolução Industrial, parecem ceder espaço diante do encanto ou reencanto... Estaria o mundo desencantado? Reencantando-se? Que encantos estariam vicejando nas mentes e corações desse Brasil profundo?

Enfim, o que parece querer esse brasil? Teria projetos? Desejos? Temores? Anseios? Essas perguntas nos jogam na cara um desafio que pode nos deixar desconcertados e embaraçados: o brasil profundo não apenas nos diz respeito; somos nós também.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho seria um artigo científico, mas cresceu demasiadamente. Durante sua confecção, os assuntos tratados foram tão vistos e revistos que gradativamente como que adquiriram voz, nos exigindo mais esclarecimentos e cruzamentos do que os que conviriam a um artigo convencional. Para não poupar o leitor das informações elencadas e das interpretações providas, optamos por não nos furtar ao trabalho de escrever mais, ainda que, com isso, corrêssemos maiores riscos. O resultado é este livreto.

O objeto é a relação entre o bolsonarismo e o brasil profundo. Inicialmente, nossas considerações a respeito oscilavam entre impressões e intuições vagas. Mas as conversas preliminares internas entre os membros de nosso grupo, o Laboratório de Estudos Brasil Profundo, evoluíram em poucos meses até chegarem à condição de pesquisa formal e financiada. Uma breve contextualização desse processo será de bom proveito.

Era o período da pandemia do novo coronavírus, lá pelos meados de 2020. Na ocasião, o governo do então presidente Jair Bolsonaro adotava medidas que aparentavam não refletir a tarefa de enfrentar a disseminação do vírus em território nacional. Nas ações governamentais, havia um desprezo pela gravidade da doença, coisa que o governo mal conseguia disfarçar com a retórica compensatória de preocupação com os efeitos econômicos da crise gerada<sup>1</sup>. Em outro plano, as atitudes pessoais do mandatário revelavam, não apenas insensibilidade face o sofrimento de adoentados e enlutados pela Covid-19, como também tripúdio e até deboche, manifestações que atraíam críticas e revoltas nos noticiários e nos lares e desviavam a atenção das pessoas para polêmicas estéreis. Agravava a circunstância o fato de que países de todo o mundo tinham desempenho melhor do que o Brasil no combate à pandemia, sem terem a mesma rede de assistência à saúde ou a mesma expertise em vacinação que com o SUS acumulamos. Havia uma convergência de fatores que escancaravam as incompatibilidades entre Jair Bolsonaro e o cargo que ele exercia. E isso era – ou deveria ser – implosivo.

Contudo, sua popularidade nunca declinou significativamente. Bolsonaro conseguiu atravessar a maior crise sanitária da história nacional, sofrendo diariamente pressões e ataques de políticos e de comunicadores pela adoção das alternativas governamentais por que optou, sem deixar

---

<sup>1</sup> Exemplos dessa atitude foram bem documentados pela imprensa e tiveram registro minucioso no Relatório Final da CPI do Senado Federal, que apurou as ações do governo durante a pandemia. Destacamos: (a) a demissão de dois ministros da saúde e a indicação para o cargo de um general inexperiente que havia passado meses como interino, (b) os gastos com kit de tratamento da doença, com medicamentos ineficazes, alçados em R\$ 41.070.499,00, e (c) recusa e atraso na aquisição de vacinas.

de ter um terço do país a seu lado<sup>2</sup>. Sua grei de apoiadores era notabilizada pelo calor e pelo barulho do ativismo com que tornavam as redes sociais arenas de calúnias, difamações, insultos e ameaças. E a repercussão dessa comunidade no Congresso era tão intensa que assegurava uma sólida base parlamentar ao lado do líder da extrema direita, inibindo o então presidente da Câmara, Rodrigo Maia, a aceitar um dos sessenta e seis pedidos de impeachment que pesavam sobre sua mesa<sup>3</sup>.

Nesse contexto, algumas questões eram inquietantes: O que estaria por trás desse apoio aparentemente indissolúvel ao presidente? Por que esse expressivo volume de brasileiros conservava tamanha adesão a Bolsonaro, mesmo diante da flagrante insuficiência de seu desempenho como presidente em momento tão crítico da história nacional? Será que não era flagrante para eles? Seria isso consequência das contra-narrativas disseminadas pelas redes na ambiência de guerra cultural?<sup>4</sup> A todos esses brasileiros – eleitores, seguidores, fãs e apoiadores de Bolsonaro – caberiam propriamente os adjetivos que se lhes eram atribuídos, como: “alienados”, “massa de manobra”, “bolsominions”, “gados”, “nazistas”, “fascistas” etc.?

Olhando o comportamento desse um terço do Brasil, foi ficando claro que a força de Bolsonaro não era meramente política – em termos relativos a contornos exclusivamente institucionais. O vínculo mantido entre ele e sua base parecia mais adensado por elementos exteriores ao poder e à máquina pública, correspondendo a algo com larga e funda penetração na sociedade brasileira. Nesse caso, o que muitos vinham chamando de bolsonarismo não poderia ser pensado apenas como um assunto partidário ou eleitoral. Foi quando começamos a suspeitar que o tema, não sendo primeiramente político, seria sociocultural: um fenômeno da ordem de valores, comportamentos, visões-de-mundo, pontos-de-vista, experiências compartilhadas e representações da realidade. Só em sua superfície despontaria um agrupamento de poderosos com suas estratégias de chegada ao poder e de continuidade nele.

Quando essa suspeita começou a virar hipótese, o problema da pesquisa tomou forma objetiva, e a questão com que o sintetizamos foi: “o que explica a ascensão e a permanência do

---

<sup>2</sup> No auge da pandemia, a pior avaliação do governo aponta que 30% do povo considerava o governo ótimo ou bom, conforme pesquisa realizada entre 16/03/2020 e 18/03/2020 pelo Ipespe.

<sup>3</sup> Além dos 66 pedidos encaminhados durante a presidência de Rodrigo Maia, vieram outras dezenas sob a de Arthur Lira, totalizando ao fim do mandato presidencial 158. Ver matéria da CNN a respeito em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-acumulou-158-pedidos-de-impeachment-camara-acabara-de-arquivar-los- hoje/>

<sup>4</sup> João Cézar Castro Rocha (2021) analisa os discursos revisionistas do bolsonarismo sobre o golpe de 1964 como uma variação da chamada doutrina da segurança nacional que justificaria a violência adotada pelo Estado brasileiro naquele período, bem como tratamento belicoso à esquerda e à oposição em geral entendidos como parte de uma guerra contra um inimigo interno. Esse fenômeno encontraria ecos até os dias atuais e seria um dos lastros das narrativas bolsonaristas no âmbito da ação sobre a oposição e a sociedade civil como um todo.

bolsonarismo?” Desde as primeiras especulações, a resposta parecia repousar na noção que vínhamos desenvolvendo, a saber, a de *brasil profundo*<sup>5</sup>. Para testá-la, criamos o projeto de pesquisa “O Bolsonarismo e o Brasil Profundo: Uma Análise Sobre a Ascensão e a Permanência de um Fenômeno Sócio-Cultural e Político”<sup>6</sup>, que ocorreu entre 2020 e 2022 e nos forneceu os fundamentos para o que se segue.

A abordagem da pesquisa condensada nas seções deste texto é eminentemente multidisciplinar. Conta com aportes da Ciência Política, da Sociologia, da Filosofia Social e Política e da Antropologia. O instrumental diversificado de que lançamos mão possibilita abordar o bolsonarismo dentro da moldura mais ampla em que ele se revela enraizado e em sintonia com o complexo fenômeno histórico do brasil profundo.

A metodologia de trabalho é inspirada pela abordagem sociológica de Max Weber (Weber, 2001), com a qual formulamos e distinguimos dois tratamentos com *tipos: tipificações* de dados e *tipologia* teórica. O desenho metodológico de nossas tipificações permitiu uma análise dos comportamentos dos agentes-chave na ascensão e consolidação do bolsonarismo: Jair Bolsonaro e seus seguidores, grandes veículos de imprensa, e analistas acadêmicos. Isso possibilitou correlacionar as mensagens de cada um desses agentes, assim como interpretar o discurso e as ações governamentais durante o mandato. Formamos um banco de dados com conteúdos extraídos do comportamento digital de Bolsonaro e outros atores relevantes. Frequentemente, para fins de compreensão e como resultado da análise serializada e da hermenêutica textual em que se enfatiza a relação entre fonte e contexto, desenvolvemos categorias para interpretar e articular a investigação e a explicação de nosso objeto.

A abordagem de tipo propriamente weberiano pela qual optamos para a desenvolver o braço teórico de nosso livro apela diretamente à noção do "tipo ideal" (Weber, 2001). É anterior a este texto e integra nossos esforços de construir uma teoria para compreender o brasil profundo. Trata-se de uma tipologia dos comportamentos, crenças e valores historicamente difusos na sociedade brasileira. Esta ferramenta conceitual serve como um modelo heurístico que salienta características definidoras de fenômenos sociais, permitindo uma análise clara e sistemática de seus traços predominantes. A tipologia é um painel explanatório que abdica da abordagem causal apressada, em que os objetos são explicados por vínculos estreitos de geração ou origem, e a

---

<sup>5</sup> O trabalho teórico que dará contornos mais elaborados ao tema está em processo de formulação. Mas uma primeira versão desse esforço foi publicada no ensaio *O Brasil Profundo em Casa Grande & Senzala*, que integra a coletânea *Compreender Freyre* (Sugamoto, 2023)

<sup>6</sup> O Projeto contou com financiamento do IFBA por meio do Edital nº 05/2020/DPGI/DIREC/Campus de Salvador/IFBA.

substitui pelo elenco das condições contextualizadoras do fenômeno. Por meio dela, é possível ir ao pormenor da vida dos indivíduos, estudando seus atos e discursos e prover uma interpretação de suas *condutas* (que Weber chamaria *Lebensführung*) Forma-se aí uma teia interpretativa dentro da qual estão fixados os indivíduos como exemplares “perfeitos”. A tipologia se expande para agregar melhor (não para agregar mais) as múltiplas faces dos sujeitos históricos que se quer tornar compreendidos. Ao se abdicar da explicação causal sobre fatos, enfatiza-se um enredo coerente de eventos condicionantes do objeto de estudo.

Quanto ao recorte histórico, a pesquisa contemplou as duas últimas eleições presidenciais (2018 e 2022), as eleições municipais (2020) que as entrecortaram e o intempestivo período pandêmico. O quadro demográfico do trabalho levou em consideração o Brasil enquanto *totalidade e singularidade* política, social, cultural e econômica, apesar de não terem sido descartadas as devidas clivagens de classe, de região, de gênero, de geração e étnico-raciais.

Convém sublinhar que o texto não realiza uma análise quantitativa ou de conteúdo exhaustiva e detalhada da grande base de informações que obtivemos. O mais importante, dado o caráter panorâmico de nossa proposta, é identificar características e linhas gerais do bolsonarismo, bem como sua inscrição geral em formas socioculturais pré-existentis.

Dada a leitura do fenômeno pelas fontes do produto acadêmico e midiático, pudemos reconhecer núcleos temáticos em que orbitavam toda a constelação de assuntos e controvérsias relativas ao bolsonarismo. Daí, pudemos concentrar os principais conteúdos mobilizados no glossário bolsonarista em três grandes eixos de trabalho. Esses mesmos eixos nos serviram como guia para a identificação da linha de ação de alguns dos principais influenciadores digitais do bolsonarismo no Twitter. São eles:

1. *Instituições*: em que reconhecemos a relação dos políticos e porta-vozes do bolsonarismo, entre os quais comentaristas políticos de redes de telecomunicações alinhadas e megapastores evangélicos, com as instituições, tanto na prática quanto no discurso;
2. *Cultura*: em que reconhecemos os hábitos, crenças e valores declarados pelos apoiadores de Bolsonaro;
3. *Ideologia política*: em que reconhecemos a orientação conservadora reivindicada pelos bolsonaristas como mote de organização da sociedade e condução da vida, de determinação do curso do país e de fundamentação legítima de seu ativismo.

Por fim, vale a pena antecipar o percurso do que está por vir ainda à guisa de introdução. O livro está dividido em quatro capítulos e uma conclusão. No primeiro, exibimos as interpretações e análises das fontes midiáticas que cobriram o período em que Jair Bolsonaro exerceu o cargo de presidente e apresentamos o resultado da coleta realizada a respeito das principais leituras do fenômeno do bolsonarismo, organizando-as nas três frentes de atuação já indicadas: a político-ideológica, a institucional e a cultural. Conclui-se que predominam duas teses sobre o bolsonarismo na imprensa e na academia: O bolsonarismo seria (a) a manifestação nacional de uma onda da extrema direita no mundo e (b) o retorno ou o apogeu político de um segmento ou setor da sociedade brasileira, a exemplo dos militares, dos evangélicos e dos ruralistas, viabilizado pela ascensão que o contexto histórico da Nova República tornou possível. Consideramos ambas as teses frágeis, incompletas e quase insustentáveis. Por isso, avançamos nas etapas seguintes.

No segundo capítulo, desenvolvemos uma reflexão sobre o brasil profundo para tomá-lo como sendo o fator principal de explicação do bolsonarismo. Como definição, exploramos os elementos formadores do fenômeno, fornecendo as diretrizes para identificá-lo e compreendê-lo. No terceiro capítulo, listamos, definimos e desenvolvemos os tipos do brasil profundo que melhor revelam sintonia com o bolsonarismo. Eles são (a ordem não traduz importância): messianismo, simplismo, autoritarismo, malandrismo, machismo, punitivismo, antidecoro, sadismo e autodidatismo. Esses aspectos da brasilidade não são um conjunto fechado condicionante do bolsonarismo, são marcas de comportamentos, crenças e valores variamente reconhecíveis nos indivíduos, grupos e setores da população brasileira identificada com o bolsonarismo. No quarto, retornamos aos três eixos de percepção do bolsonarismo, para interpretá-los à luz de nossa formulação teórica.

O leitor perceberá dois tons no correr da escrita. O primeiro capítulo adota um tom acadêmico, direto e convencional, que reflete o teor das discussões no interior de uma comunidade de pares interessados no assunto. Nosso objetivo é reunir os principais resultados de uma pesquisa que durou mais de dois anos em uma redação coesa sobre dados coletados de fontes diretas e indiretas, bem como conceitos e teses de relevo e penetração nos círculos intelectuais. Mas os capítulos seguintes adotam um tom algo misto e ensaístico que traduz as reflexões que fizemos antes, durante e depois da pesquisa sobre o tema do brasil profundo<sup>7</sup>. Sem deixar de lado o diálogo com os

---

<sup>7</sup> Grafamos a expressão inteiramente em minúsculo por não se tratar de Brasil enquanto substantivo próprio, dotado de uma singularidade em relação aos de mesmo tipo, os demais países. O brasil é minúsculo por ser um substantivo comum e por integrar uma noção que lançamos com o objetivo de que seja assimilada como termo técnico para as ciências sociais. Isso, contudo, é apenas uma opção ortográfica. Não nos opomos ao uso corriqueiro e espontâneo com a inicial maiúscula para “Brasil”.

produtos acadêmicos, nestes capítulos procuramos expandir o argumento e os interlocutores, recorrendo à teóricos e intérpretes de Brasil, bem como à literatura nacional, todos tratados como aportes para a captação de imaginários e mentalidades da sociedade brasileira ao longo de sua história.

## **CAPÍTULO 1**

### **ENQUADRAMENTOS E INTERPRETAÇÕES DO BOLSONARISMO**

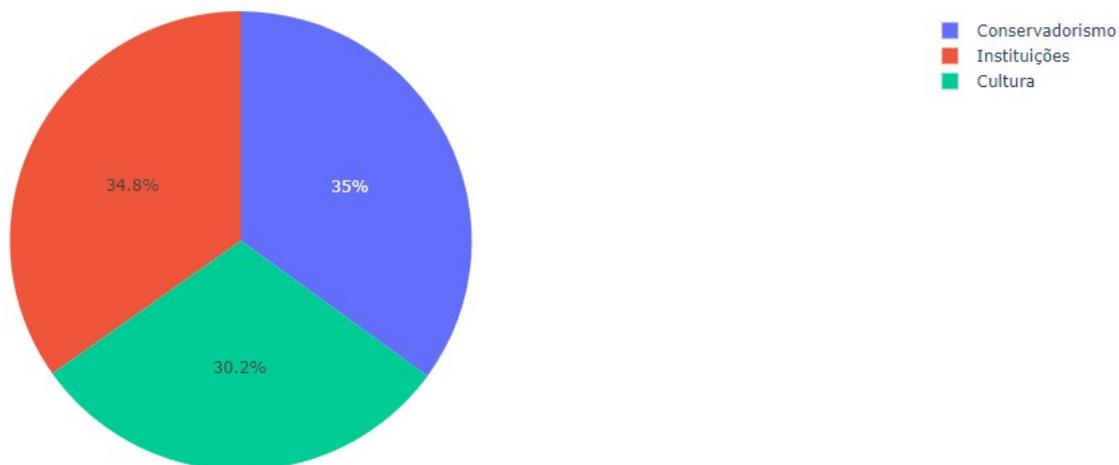
#### **PELA IMPRENSA E PELA ACADEMIA**

Turbulentos foram os anos de 2019 a 2022. O quadriênio presidencial de Bolsonaro talvez tenha sido um dos mais intensamente polêmicos da nova República, por um motivo especial: crises sempre foram ao encontro dos presidentes, nunca partiam deles; com Bolsonaro, a lógica mudou. Passou a ser ele o propagador e o protagonista de sucessivas controvérsias, desde o episódio do “golden shower”, às sucessivas exonerações e nomeações de indicados das Forças Armadas e do núcleo ideológico, liderado por Olavo de Carvalho, todas envernizadas a escândalo e fofoca. A criação de uma secretaria paralela, o chamado “gabinete do ódio”, que teria sido liderado pelo filho, Carlos, foi um dos fatores para a intensidade da gestão. Em produção industrial, confusões eram ali geradas para o repasse da imprensa e o consumo dos cidadãos. A todo o tempo, a arena de atuação do bolsonarismo foi e seguiu sendo digital, uma leva de políticos que iniciaram ou realizaram suas carreiras nas redes e até para as redes. Por isso, não há estudo sobre o bolsonarismo que possa dispensar a análise da performance dos bolsonaristas na web. É por aqui que começamos.

#### **SEÇÃO 1**

##### **UM PASSEIO PELA ATUAÇÃO DIGITAL DO BOLSONARISMO E PELAS FONTES MIDIÁTICAS QUE O ANALISAM E O INTERPRETAM**

Na análise realizada sobre o conteúdo extraído do Twitter, uma das redes de predileção do bolsonarismo, identificamos um total de 215.290 tweets categorizados nos três eixos principais. A categorização foi oportuna para confirmarmos a distribuição temática dos discursos presentes na plataforma nas contas selecionadas. Proporcionalmente, os tópicos aglutinados em cada eixo redundaram nos números do gráfico abaixo:

**Gráfico 1 - Proporção dos tweets por eixo:**

Fonte: Twitter (elaboração dos autores)

Indo ao pormenor, entre os tweets analisados, 74.963 estão relacionados ao grande eixo "instituições". Esta categoria inclui tweets que discutem, criticam ou apoiam as funções, a integridade ou o papel de diversas instituições, sejam elas governamentais, judiciais, a imprensa ou outras entidades públicas e privadas que desempenham papel significativo na direção do comportamento e das representações sociais. É importante salientar que parte expressiva desse número absoluto refere-se a mobilizações intensas em episódios controversos, como a saída de Sérgio Moro do governo ou as contendas entre o então presidente e o juiz Alexandre de Moraes, como no Sete de Setembro, de 2021.

A fatia correspondente ao eixo "cultura" contemplou 64.914 tweets que tratam de aspectos diversos dos hábitos, crenças e valores brasileiros de conspícua importância para o bolsonarismo. Estão aqui incluídas apoios ou críticas às artes, tradições, religiosidade, manifestações culturais, bem como o desdobramento de debates sobre identidade; em suma, conteúdos são tweets que refletem como a cultura é percebida, vivida e discutida entre os bolsonaristas que usam a plataforma.

Finalmente, a categoria "conservadorismo" englobou 75.413 tweets sob a orientação político-ideológica do então ex-presidente e dos seus companheiros de jornada. Predominam aí discussões sobre valores conservadores, políticas sociais e econômicas tidas por conservadoras, e como o impacto dessas premissas sobre as opiniões e políticas públicas no contexto brasileiro.

A tipificação a seguir organiza os conteúdos dos 3 eixos pelas palavras-chave que direcionaram nossa pesquisa<sup>8</sup>:

<sup>8</sup> Para a montagem e aprimoramento de nosso banco de dados, a colaboração com a Quanta Junior Consultoria e Soluções, empresa júnior da UNICAMP, foi fundamental. A parceria foi relevante para a organização e análise dos dados

**Quadro 1 - Tipificação da linha de ação política do bolsonarismo**

EIXO ANALÍTICO	CATEGORIAS
Instituições	Bolsonarismo e Forças Armadas
	Bolsonarismo e Polícias
	Bolsonarismo e Milícia
	Bolsonarismo e Novos Liberais Brasileiros
	Bolsonarismo e Imprensa
	Bolsonarismo e Ciências
Cultura	Bolsonarismo e Pandemia
	Bolsonarismo e Evangélicos
	Bolsonarismo e Gênero (antifeminismo e hipermasculinização)
	Bolsonarismo e Raça/Racismo
	Bolsonarismo e Música Sertaneja
	Bolsonarismo e Expressões artísticas
Ideologia política	Bolsonarismo e Anticomunismo
	Bolsonarismo e Olavo de Carvalho
	Bolsonarismo e a Nova Direita
	Bolsonarismo e nacionalidade
	Bolsonarismo e Programas Policiais de TV
	Bolsonarismo, Digitalização da Política e Fake News
	Bolsonarismo e Economia
	Bolsonarismo e Armamentismo
	Bolsonarismo, Confronto com as Instituições e Populismo

coletados, particularmente em tarefas complexas como a raspagem de dados. A técnica de "Web Scraping" utilizada envolveu bibliotecas especializadas de Python, com seleção de palavras-chave e filtros pré-definidos para assegurar a relevância e precisão dos dados, resultando em um conjunto que inclui títulos, datas e links diretos para as fontes originais. Adicionalmente, os dados foram dispostos em planilhas para o posterior desenvolvimento de gráficos, alguns deles utilizados nesse livro. Durante parte da pesquisa, contamos também com a diligente participação da graduanda em Ciências Sociais, Emily Vasconcelos, que, jovem e arguta interlocutora, sugeriu valiosas pistas interpretativas do fenômeno do bolsonarismo em sua atuação nas redes.

## Bolsonarismo e Antipetismo

Fonte: elaboração dos autores

A classificação temática exibida acima não apenas orientou a filtragem e a coleta dos principais tópicos de discussão entre os usuários do Twitter a partir de contas selecionadas, como também ajudou a consolidar o nosso mapeamento quanto às tendências de diálogo social, político e cultural no país durante o período analisado. Ficou claro o porquê de elas refletirem a cobertura jornalística do quadriênio presidencial bolsonarista. Parte considerável dos temas de relevo do debate público aventada pelas páginas e portais de notícias foram inteiramente pautados pelo bolsonarismo. A imprensa, conquanto equipada com quadros de jornalistas que eram criticados, insultados e intimidados por Jair Bolsonaro em entrevistas e em pronunciamentos, correspondeu à pauta entrando no jogo.

Ainda a propósito, para a análise das dinâmicas e influências do campo bolsonarista, foi necessário definir tecnicamente, em correspondência com os pressupostos supramencionados, uma seleção de contas no Twitter que abarcam figuras políticas, analistas políticos, influencers e veículos de mídia de alta relevância. A escolha nos permitiu retratar as narrativas e reações no âmbito do espectro político brasileiro dito de direita, por absorver da vanguarda digital bolsonarista os meios para a análise das interações e tendências de participação nas redes sociais em torno do bolsonarismo.<sup>9</sup>

A cobertura jornalística sobre o bolsonarismo, realizada no quadriênio 2019-2022, foi marcada por polarizações e controvérsias reiteradas. Bolsonaro habituou-se a uma rotina de confrontos com a imprensa, acusações de "fake news" e tensões, conferindo, pela performance conflitiva, pretexto para a coesão identitária de sua militância, a qual ele coloriu com um sentimento tribal gradativamente matizado. Os bolsonaristas se rebelaram contra a grande mídia sistematicamente por uma alegada parcialidade na cobertura da gestão presidencial. Muitos veículos de comunicação foram acusados de adotar uma postura politicamente motivada em relação ao governo, o que gerou um clima de hostilidade e desconfiança reincidentes entre, de um lado, o

---

<sup>9</sup> Entre as contas escolhidas estão Jair Bolsonaro, figuras proeminentes de seu círculo como Carla Zambelli, Allan Santos, Bia Kicis, e seus filhos, Flávio e Carlos Bolsonaro, que são atores-chave no discurso político e na mobilização de bases bolsonaristas. A inclusão de analistas políticos e jornalistas críticos, como Reinaldo Azevedo e Kennedy Alencar, além de personagens influentes que atuam como intelectuais na fronteira do bolsonarismo com espectros do conservadorismo mais amplo, como Olavo de Carvalho, proporciona uma visão equilibrada e crítica dos eventos. A escolha também inclui grandes veículos de imprensa como BBC Brasil, El País Brasil, Estadão e The Intercept Brasil, cuja cobertura jornalística abrangente e influente influi na opinião pública e na discussão nacional. Além disso, meios de comunicação como Jovem Pan e Revista Oeste, conhecidos por suas perspectivas alinhadas a Bolsonaro, refletiram e influenciaram seu espectro ideológico mais amplo dentro do Brasil.

jornalismo profissional e, de outro, os apoiadores do “mito”, politizados pelas redes sociais. (Cf., p. ex., Gomes, 2020; Rocha, 2023)

Nesse contexto, destacam-se cinco marcadores como principais características do jornalismo político praticado entre 2019 e 2022, os quais tipificamos conforme o quadro abaixo:

**Quadro 2 - Principais Características do Cobertura Jornalística do Bolsonarismo**

MARCADOR	DESCRIÇÃO
POLARIZAÇÃO E CONFLITO	A relação tensa entre governo e imprensa acirrou o clima político de polarização que deu ocasião ao fortalecimento do que alguns autores denominam de “guerras culturais”
DIFICULDADE DE ACESSO À INFORMAÇÃO	O governo Bolsonaro adotou uma postura restritiva em relação à imprensa e à sociedade civil como um todo, com a redução do acesso a informações e a dificuldade de contato com autoridades governamentais.
COBERTURA EM TEMPO REAL	A cobertura jornalística do bolsonarismo foi marcada pela rápida divulgação de notícias e declarações em tempo real, muitas vezes por meio das redes sociais e plataformas digitais.
MÍDIA ALTERNATIVA E REDES SOCIAIS	Diante da polarização e das críticas à imprensa tradicional, muitos apoiadores do governo reforçaram suas buscas por informação em mídias alternativas e em redes sociais de claro alinhamento com o bolsonarismo, fortalecendo um ecossistema bolsonarista de informação, que muitas vezes reproduziam notícias e opiniões parciais e distorcidas.
CRÍTICAS À IMPRENSA	O governo e seus apoiadores frequentemente criticaram a imprensa brasileira por supostamente adotar uma postura crítica exagerada e por veicular notícias falsas e descontextualizadas.

Fonte: elaboração dos autores

No que toca a atuação bolsonarista no Twitter, especificamente em torno da atuação de Jair Bolsonaro, após a análise de 943 tweets no período entre 2018 e 2022, constatou-se um uso voltado para promover a imagem pessoal do político, divulgar suas posições propagandeadas como

conservadoras e atacar adversários e críticos do governo. O padrão aferido a partir de análise das representações e conteúdos mobilizados permitiu alinharmos de modo sintético o quadro abaixo:

**Quadro 3 - Tipificação das ações políticas da conta de Jair Bolsonaro no Twitter**

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Utilização de termos e hashtags polarizadoras	Utilização frequente de termos e hashtags polarizadoras como #PTnão, #LulaLivreNão, #BolsonaroPresidente, #BolsonaroTemRazão, #GloboLixo, #ForaMaia, #ForaDoria, etc. Estes termos reforçam o discurso de "nós contra eles" e a retórica anti-establishment.
Utilização de linguagem agressiva e ofensiva	Uso frequente de linguagem agressiva e ofensiva contra críticos e adversários políticos, incluindo a publicação de notícias falsas e coordenação de ataques a colonistas e jornalistas, acirrando o caráter intimidador e violento desses confrontos.
Inserção de conteúdo controverso e geradores de engajamento	Publicação de conteúdo controverso que mobiliza valores do "Brasil profundo", como defesa de soluções autoritárias, apologia à tortura, questionamento da eficácia das vacinas contra a Covid-19 e minimização da gravidade da pandemia, a partir de uma retórica anti-intelectualista.
Utilização de retórica emocional, ufanista e marcial	Utilização de retórica emocional messiânica, ufanista e marcial para mobilizar a base de apoio e aumentar a identificação dos seguidores com o líder, valorizando elementos cristãos, patrióticos e "tradicionais".
Utilização de bots	<sup>10</sup> Indícios fortes do uso de bots para aumentar artificialmente o engajamento em plataformas sociais, como apontaram os estudos presente no site Essa Tal Rede Social.
Utilização de estilo comunicativo direto e informal	Estilo comunicativo direto e informal, marcado pelo uso de gírias, ironias, provocações e memes. Esse estilo se aproxima da linguagem dos jovens nas plataformas digitais, mas também é rapidamente absorvido por adultos e idosos, facilitado pelo acesso à tecnologia moderna como smartphones. (Cf. Chagas, 2021)

Fonte: elaboração dos autores

<sup>10</sup> <https://essatalredesocial.com.br/>

## SEÇÃO 2

### A LITERATURA ACADÊMICA SOBRE O BOLSONARISMO E A ÊNFASE NO DIAGNÓSTICO CONJUNTURAL

A leitura de muitos e virtuosos esforços da comunidade acadêmica dedicados à interpretação do fenômeno do bolsonarismo nos habilitou a propor um corte em três tipos de diagnósticos predominantes. Primeiro, enquanto manifestação essencialmente restrita a fatores conjunturais, há uma tendência difusa e um tanto carregada de parcialidade que sacrifica a abordagem de totalidade do objeto. No caso, há algo como uma conversão do bolsonarismo em um fenômeno descontínuo em relação à história nacional. É o tipo de diagnóstico que relega ao segundo plano, ou mesmo descarta apressadamente as dimensões sociais, culturais, espaciais e materiais que formam o “palco” sobre o qual transcorre o drama de Bolsonaro na Nova República.

Outro modo pouco complexo e bastante recorrente – recorrente também, aliás, na imprensa – de analisar o fenômeno é tratá-lo exclusivamente como derivado de circunstâncias globais, como a da ascensão da extrema direita, verificada em países ocidentais os mais diversos. Nesse caso, o bolsonarismo tem aparecido como uma versão abasileirada da mesma onda internacional soprada pelo reacionarismo político e moral.

Se as duas abordagens anteriores desprezam ou subdimensionam a história nacional que precede o bolsonarismo, uma terceira abordagem a reconhece porém de maneira equivocada. Nela, o bolsonarismo figura como movimento encabeçado por um setor ou grupo que ascendeu ao poder alavancando e sendo alavancado por Bolsonaro. Entre os setores ou grupos de destaque, os militares são os que aparecem com mais frequência. O bolsonarismo seria mais um dos engajamentos dos militares no poder em continuidade com as sucessivas participações na política, desde quando deram o golpe da Proclamação da República. (Cf. Martins Filho, 2021)

Em que pese um amadurecimento das análises com a publicação de livros mais recentes, a maior parte dos trabalhos abdica ou ignora a interpretação do bolsonarismo enquanto fenômeno *sociocultural* e, antes de tudo, *brasileiro*. O foco dos trabalhos acadêmicos em prover panoramas de leitura conjuntural tem repercutido em veiculações midiáticas, em comentários e matérias de jornalistas de alcance nacional. Se há alguma unidade na análise acadêmica e nos produtos de informação da grande imprensa quanto ao bolsonarismo, ela reside apenas em interpretá-lo como efeito de uma combinação de elementos contemporâneos que se dão no Brasil e fora daqui, como a

ascensão da extrema direita e a interação social por redes articuladas por algoritmos produtores de bolhas. Há mérito em tais enquadramentos, mas há também carências comprometedoras.

Para organizar a literatura sobre o tema, tipificamos as abordagens do objeto segundo suas ênfases analíticas. Com isso, pretendemos fornecer uma demarcação dessas contribuições de forma sintética e global, também para tornar claras as limitações e distorções dos vieses dominantes. Abaixo, os enquadramentos analíticos geralmente utilizados para compreender e explicar o bolsonarismo publicados em livros e artigos, na academia e na imprensa:

**Quadro 4 - Tipificação de enquadramentos anilíticos do bolsonarismo**

TIPO	ÊNFASE
1	Jair Bolsonaro, fatores de personalidade e trajetória (Carvalho, 2019; Villas Boas, 2022)
2	Contexto político, econômico e impactos das manifestações de 2013 (Nicolau, 2020; Alonso, 2017; Rocha, 2018; Rocha, 2017)
3	Uso eficiente de comunicação política em ambientes digitais (Rocha, 2021; Cervi, Weber, 2021)
4	Integração a fenômenos internacionais de ameaça à democracia, ascensão de novas direitas e populismos (Cepêda, 2018; Nobre, 2020)
5	Adesão à pauta evangélica, adesão dos evangélicos ao conservadorismo (Santos, 2018; Arenari, 2022)
6	Militarização da sociedade, difusão de milícias e papel da crise na segurança pública nos grandes centros urbanos (Manso, 2020; Silva, 2019)
7	Avanço do neoliberalismo nos planos econômicos e das subjetividades (Rocha, 2017; Solano Gallego, 2019)
8	Consequência de ações geopolíticas e conexões com a Lava Jato (Barros, 2021; Messenberg, 2017)
9	Reação aos novos movimentos sociais e a produção de reformas jurídicas e políticas relacionadas a gênero, corporeidades, direitos reprodutivos e sexualidade (Pinheiro-Machado; Scaldo, 2018; Cirino da Silva, 2020)

Fonte: elaboração dos autores

O quadro esboça o interesse geral da academia e da imprensa pela ascensão política de Jair Bolsonaro nos últimos anos. Conforme antecipamos, apesar da riqueza e pertinência dos assuntos que compõem o conjunto, notamos uma limitação comum à maior parte dos que o manejam, qual seja, tratar os elementos como peças de uma máquina dos séculos XX e XXI. Em alternativa, sustentamos que *Jair Bolsonaro se viabilizou e se legitimou nacionalmente impulsionado por elementos socioculturais de longa duração na sociedade brasileira, os quais foram rearranjados*

*por fatores conjunturais do tabuleiro político, econômico e informacional.* A personagem "malandra" de Bolsonaro "escorregou" entre as brechas abertas na estrutura de oportunidade política, galvanizando um grupo político-identitário, ao mesmo tempo, diverso e aberto a um novo ativismo de direita. Para proceder com essa interpretação, é necessário trazer à luz a dimensão da longa duração da cultura política brasileira e da sua peculiar institucionalidade, o que discutiremos adiante<sup>11</sup>.

A literatura sobre o bolsonarismo tem contribuído significativamente para analisar diversos aspectos do fenômeno do ponto-de-vista político e cultural. Pode nos proporcionar um mapeamento detalhado da trajetória de Jair Bolsonaro e de sua família, revelando os eventos e estratégias que levaram à ascensão do bolsonarismo. Contudo, além da falta de uma explicação totalizante, a literatura estudada deixa questões não devidamente respondidas, tais como: Qual a relação entre a mensagem de Bolsonaro e os elementos culturais brasileiros pré-existentes ao bolsonarismo? Qual a relação desses elementos com a ascensão de Bolsonaro? Como Bolsonaro pode compartilhar com personagens e grupos políticos tão diversos (incluindo Lula), em momentos diferentes, uma mesma fatia de eleitores? O que torna esses elementos resilientes no tempo, a ponto de perdurarem de uma eleição para outra? É para responder a essas e outras questões que escapam ao consenso conjunturalista da imprensa e de parte da academia que recorreremos à noção de *brasil profundo*, cujo sentido e alcance convém explorarmos agora.

---

<sup>11</sup> É importante destacar o papel da regionalidade como marcador de alinhamento e de adesão ao bolsonarismo. No período da pesquisa, as regiões Centro-Oeste e Sul apresentaram altos índices de apoio ao presidente, ao passo que o Nordeste foi vastamente resistente ao mandatário do último quadriênio presidencial. Esse dado é conjuntural, mas reflete um traço estrutural. Percebe-se, ademais, que a pandemia reforçou o bolsonarismo como tendo sido capaz de pautar a agenda política e cultural, adentrando ao domínio da saúde e do uso de medicamentos. Isso sugere, juntamente com a análise das fontes, que Bolsonaro recrudescer na interface entre elementos de longa duração e de conjuntura contemporânea, notadamente: políticos, econômicos e informacionais.

## CAPÍTULO 2

### A NOÇÃO DE BRASIL PROFUNDO<sup>12</sup>

O brasil profundo é uma noção por meio da qual designamos um amplo conjunto de relações, práticas e representações espalhadas em todo o território nacional, mas pouco ou nada refletidas pelas instituições formais e por seus dispositivos de aplicação de normas e métodos<sup>13</sup>. Além de irrefletidas, tais relações, práticas e representações são historicamente negadas e silenciadas pelo aparato institucional vigente, desenhado como para imprimir no país os padrões de “civildade” do Atlântico Norte<sup>14</sup>. Os elementos do conjunto têm em comum a condição de ocorrerem na longa duração do tempo histórico, como tendências constituintes da mentalidade da sociedade nacional, expressa simbolicamente e materialmente.

Tomamos a ideia de longa duração do historiador francês Fernand Braudel (1992), para quem o tempo histórico pode ser decomposto em planos com durações distintas, em que a longa duração implica maior lentidão nas mudanças, conservando elementos sociais estáveis por muitas gerações, inclusive na modelação da relação com o meio físico, sendo, ao mesmo tempo, obstáculo e sustentáculo das ações humanas. A longa duração permitiria analisar histórica e sócio-antropologicamente profundidades, semi-mobilidades e regularidades. Enquanto fenômenos de longa

<sup>12</sup> Optar pelo termo “noção”, em lugar de outros com maior funcionalidade científica e penetração acadêmica, como conceito ou categoria, não nos foi algo impensado. O que entendemos como “brasil profundo” é um objeto de análise e interpretação cuja definição, ainda que provisória, poderia sabotar o nosso empreendimento descritivo e explicativo. Conceitos e categorias requerem uma forma verbal determinada por uma definição. Eles integram terminologias classificatórias rígidas. Já o termo noção permite o trabalho de coleta de exemplos, ocorrências e manifestações do objeto em questão por afinidades intuitivamente reconhecidas, por suposições de parentesco e pela constatação de tendências de convergência e conexão.

<sup>13</sup> Essa definição reflete o principal drama encarado, por exemplo, por Oliveira Viana em seu *Instituições Políticas Brasileiras*, obra que denuncia e critica a tendência antipopular das elites nacionais na formulação do Direito que deve regular a conduta das massas. A passagem adiante o confirma: “O direito elaborado pelas elites, consubstanciado na lei e nos Códigos, difere sensivelmente do direito elaborado pela sociedade, na sua atividade criadora de normas e regras de conduta. Esta discordância chega mesmo, às vezes, a incompatibilidades radicais, que acabam revogando ou anulando a lei, isto é, a norma oficialmente promulgada.” (Oliveira Viana, 1999, p. 44)

<sup>14</sup> Essa oposição tem importantes precedentes na literatura de intérpretes de Brasil. A semântica que mais vingou entre eles é a do conflito entre elite e povo, uma oposição presente em autores como Oliveira Viana (1999), Guerreiro Ramos (1995), Darcy Ribeiro (1995) e Mangabeira Unger (2018) entre tantos outros. Convém elencar algumas contribuições:

(A) Sobre o antagonismo entre elite e povo como elemento de reflexão de teoria e ciência social, destacamos, de Oliveira Viana (1999, especialmente, p. 353-354)

(B) Além disso, o mesmo antagonismo visto por um ângulo que enfatiza o abismo sócio-econômico nacional, extraímos de Darcy Ribeiro (1995, especialmente p 24-26).

(C) De um modo geral, sobre a necessidade de, reconhecendo a rachadura entre a elite e o povo, constituir-se um saber sociológico comprometido com a especificidade nacional, recorreremos a Guerreiro Ramos (1995, p. 37)

(D) O foco um pouco mais específico sobre o conflito contemporâneo entre a elite pensante e a cultura popular, e as dificuldades engendradas historicamente no país quanto aos rumos econômicos e políticos a serem adotados é bem refletido por Mangabeira Unger (2018, p. 19-24).

duração, as relações, representações e práticas integrantes e articulantes do brasil profundo não têm um marco inicial definidor, senão a própria formação contínua da sociedade brasileira, e não possuem prazo que determine sua validade. Elas são reproduzidas, principalmente, na espontaneidade da vida cotidiana popular, tanto nas circunstâncias de paz, cooperação e compaixão, quanto nas de tensão, conflito e ressentimento. E é essa reprodução o que confere à sociedade brasileira sua homogeneidade íntima, o que a torna singular.

Para o trabalho de identificar, descrever e explicar o brasil profundo, há que se ter atenção a três tradições de estudos históricos brasileiros: os estudos históricos acadêmicos, os estudos e depoimentos sobre conjuntura social e econômica escritos por cronistas (especialmente de séculos passados) e os ensaios formativos de intérpretes do Brasil. Cada uma dessas tradições contribui para os esforços teóricos e analíticos de mapeamento e compreensão de nosso objeto. Cada uma delas fornece instrumentos para a elaboração da abordagem de longa duração da vida social brasileira que nos esforçamos para viabilizar.

Por um lado, se temos, ao lado, esses companheiros de jornada e, à mão, suas ferramentas e métodos, temos, por outro, que encarar algumas dificuldades devido à natureza de nosso objeto de trabalho. Uma dificuldade significativa é que a noção de brasil profundo, apesar de usada, não é devidamente esmiuçada e esclarecida enquanto conceito. Os esforços precedentes envidados para abordá-la encontram-se em tendências de estudos da sociedade, da cultura e da história, que tiveram seus apogeus desde fins do século XIX e que, por razões que serão expostas adiante, não são convincentes.

A primeira tendência é de origem francesa e exerceu particular influência entre o fim do século XIX e o início do XX. Ela atribui centralidade ao suposto coeficiente racial intrínseco a cada agrupamento humano. Seus teóricos tentam relacionar o brasil profundo à mestiçagem e ao que entendiam como sua degeneração fatídica, i.e., o fator explicativo da miséria, da corrupção, da precariedade e da deselegância que caracterizaria o povo brasileiro. A solução para o Brasil profundo seria a assimilação do coeficiente racial que eles tinham por superior (branco, caucasiano) ou a absorção das instituições exitosas nas nações governadas pelas “raças superiores”. O principal defeito dessa tendência está em sua premissa racista e datada. A correlação estreita entre manifestações fenotípicas e disposições de caráter já é, de há muito, tida por mito nos estudos da sociedade. Os fatores que impulsionam as condições de prosperidade e miséria sociais nada têm de rigidamente naturais. Além do mais, as consequências políticas extraídas das premissas racistas só serviram para respaldar empreendimentos de dominação e sujeição de grupos humanos, corolário já

consagrado com imoral, antiético e criminoso. Para compreender a gênese e descrever os aspectos de qualquer sociedade, requer-se uma combinação de elementos primeiramente históricos, econômicos, sociais e culturais. A miscigenação “racial” do Brasil profundo não seria causa de coisa alguma, sendo antes efeito de uma série de contingências históricas.

A segunda tendência é de origem alemã e exerceu maior influência de meados a fins do século XX, embora ainda não tenha sido de todo abandonada. Ela atribui centralidade ao elemento classe. Seus teóricos consideram que o Brasil compartilha a estratificação social que teria se realizado em todas as sociedades modernas, o que o levaria a padecer dos mesmos danos que a desigualdade espalha alhures. O Brasil profundo é associado às classes subalternas e oprimidas, o empregado da indústria e do campo, que sofrem as desvantagens da luta universal que move a sociedade humana. A solução para o Brasil profundo seria o despertar da consciência de classe e o empreendimento revolucionário de tomada do poder por militantes engajados na causa de eliminar a exploração do homem pelo homem e recompor a base econômica da vida social. O principal defeito dessa tendência é a pobreza analítica com que a centralidade no elemento classe enclausura o cientista e o teórico. Enfatizando a classe, o estudioso avança na direção de equivaler o Brasil a qualquer sociedade que se afigure sob o mesmo "modo de produção". Mas isso tem um custo. As nuances culturais e de temperamento que atravessam as classes e que tantas vezes definem quem tem e quem não tem acesso aos bens e serviços do mundo, bem como definem quem vive e quem morre, são negligenciadas ou esquecidas nessa abordagem. Para se estudar seriamente o Brasil profundo não se pode amputar o elemento qualitativo de análise, que determina a sua unicidade, a singularidade nacional, em nome de pesar sobre nossa história a pecha da equivalência universal.

A terceira tendência tem uma origem parcialmente francesa, parcialmente norte-americana, e enfatiza o elemento da identidade. Seus teóricos supõem que as sociedades contemporâneas são mosaicos de grupos que se afirmam por diferenças recíprocas e incompatíveis. Nesse caso, não haveria um Brasil profundo, mas Brasil minoritários, vitimados e inermes ante uma hipotética unidade dos fatores e dos agentes da opressão. A solução passaria pela autoafirmação alcançada por intermédio da representatividade dos grupos no interior da ordem vigente (nas empresas, nas repartições, nas casas legislativas, nas lideranças religiosas, nas vanguardas artísticas etc.) O principal problema dessa tendência é subordinar o trabalho científico de análise ao trabalho ativista da militância política cuja agenda supostamente advoga pelos interesses dos grupos minoritários. A tendência do intelectual aqui é reconhecer apenas fragmentos do Brasil. O senso de unidade combinada com diversidade é frágil quando não escasso. A única unidade reconhecida é a da opressão, suposta causa singular de todos os sofrimentos e injustiças nacionais. Em respeito a essa

pintura, o binômio formulado pela tendência está na diversidade de oprimidos / unidade de opressores. Para compreender o brasil profundo, todavia, é preciso levar a sério a ideia de que, apesar da diversidade, há uma unidade historicamente constatável na sociedade brasileira. Além disso, há que se desfazer o binômio identitário e admitir as contradições existentes no interior do próprio brasil profundo, ele mesmo não uma vítima de agentes e estruturas exógenas, mas também algoz de si.

Em termos objetivos, entendemos que brasil profundo é uma *autopoiesis* longeva da sociedade brasileira, que inventa a si própria em *reação* à institucionalidade oficial historicamente monádica e endógena. Essa institucionalidade, não podendo conter o brasil profundo, tenta domá-lo, folclorizá-lo ou torná-lo invisível. A tarefa de reconhecê-lo e equipá-lo quase nunca é encarada – a não ser em raros momentos históricos.<sup>15</sup>

Esclareçamos um ponto: “Em reação a” não é sinônimo de “em resistência a”. Posicionamos com reservas ao que abunda em parte dos estudos e obras da historiografia e das Ciências Sociais contemporâneas que tomam por determinantes da sociedade brasileira os aspectos que respaldam empreendimentos de confirmação de identidades de grupo, especialmente em rebeliões e revoltas populares. “Em reação” significa que os elementos da vida popular na sociedade brasileira são plasmados na *lida* com uma institucionalidade cristalizada, dirigida por elites que não os acolhem senão para domesticá-los ou caricaturá-los. Por essa perspectiva, o brasil profundo não está na afirmação heroica de identidades estanques, enaltecidas em sua discutível subalternidade, resistindo a uma fonte monocausal de opressão. Ele mais se nos revela na metabolização irrefreável de tudo, inclusive dos instrumentos opressores, dos regulamentos, meios e discursos desenvolvidos continuamente para negá-lo e nos choques e distensões que a sociedade viva impõe a si mesma. Essa metabolização também se confunde com o chamado sincretismo.

Essa *reação* é primeiramente e sobretudo poiética, i.e., caracterizada por uma criatividade incisiva e incansável, por um impulso de invenção incontrolável, que afirma uma espontaneidade promotora do novo e que é engendrado com maior ou menor acabamento, com mais ou menos método, com mais ou menos improviso<sup>16</sup>. Esse reagir tem tradução nas assimilações parciais e de

<sup>15</sup> Intuições e esboços de tese em alinhamento com essa apareceram em autores da literatura e do ensaísmo brasileiro, como também em discursos e biografias de estadistas. Das mais notáveis e celebradas é a afirmação de Machado de Assis (1942, p.111), em antológica crônica publicada originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, em 29 de dezembro de 1861 (“Comentários da Semana”), de que há no Brasil “dois países”: o real (que ele diz ser “bom” e revelar “os melhores instintos”) e o oficial (que ele chama de “caricato e burlesco”). Outros desenvolveram, de modos diversos, ideia correlata, seja em obras ficcionais ou teóricas, mas Machado é a referência inaugural.

<sup>16</sup> Assim, por exemplo, é o sertanejo capturado em fins do século XIX pela prosa de Euclides da Cunha em *Os Sertões* (Cunha, 2016), um livro que revela as limitações viciantes e enviesadas da formação intelectual de seu autor,

recombinação dos dados das experiências cotidianas que dão substância às relações, representações e práticas, todas muito caracterizadas pelos elementos matriciais da mentalidade originária do Brasil: *miscibilidade, porosidade e plasticidade*<sup>17</sup>. Bons exemplos dessa reação são o modernismo, o tropicalismo, o cinema novo, a apropriação e desenho das formas carnavalescas, os experimentos culinários feitos na rua e nas casas brasileiras etc.: expressões artísticas ou intelectuais conscientes do que é o Brasil profundo e voltadas para celebrá-lo<sup>18</sup>.

As relações, representações e práticas *profundas* acumulam-se e se renovam cronicamente, no fluxo do tempo presente, sem que seus agentes reconheçam as raízes das próprias crenças e ações. O profundo e o histórico são convergentes e irredutíveis um ao outro. Alcança-se os níveis abissais dessa profundidade à proporção que se apanha a massa de atitudes, atos, intuições, impulsos e respostas que, na vida ordinária do brasileiro, nas distintas regiões, classes e grupos, são constatáveis como *regularidades*.

Dois precedentes meta-teóricos são especialmente importantes no trabalho de reflexão e descrição do Brasil profundo. Um remete ao plano do entendimento das temporalidades. Trata-se do já citado conceito de “longa duração”, da historiografia voltada para a análise das cadeias de eventos duradouros e de transformação lenta. O outro está na teoria do espaço, de Milton Santos (1996, p. 22), segundo quem o espaço é um “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Com a tese sumarizada nessa definição, obtemos um roteiro interpretativo das ações humanas integradas a ambientes materiais que acumulam tempos históricos distintos, pois é nos artefatos, nas obras, nas construções, nos meios de transporte, nos recursos e materiais de infraestrutura e comunicações etc. que as relações, práticas e representações se apoiam, se engendram e se realizam. Em Santos, a artefactualidade é ontologicamente historicizada.

---

gradativamente convertido à grandeza do objeto humano que ele observa e pelo qual vibra.

<sup>17</sup> A respeito desses temas reconhecidos como algumas das fontes do ser brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda (2010, p. 53) as define como “ausência completa, ou praticamente completa [...] de qualquer orgulho de raça”, e as entende como modalidade do caráter português. Em concordância com essa observação, Gilberto Freyre (2010, p.24) não exclui do português (e do brasileiro, por conseguinte) uma consciência de grupo, de caráter social: “A independência do português se processou pela negação de qualquer purismo étnico (...) e por uma ‘consciência de espécie’ não biológica, de semelhanças rigorosamente de raça, mas social: a consciência de necessidades, de aspirações, de interesses comuns entre elementos etnicamente heterogêneos”.

<sup>18</sup> Um dos momentos mais bem sucedidos da produção nacional nesse sentido, se deu no âmbito do Modernismo brasileiro – e a partir dele. Apesar de esse termo significar muitas coisas, ideias e correntes diversas, o problema central da nossa primeira geração de modernistas foi o de dar sentido atual ao “ser brasileiro”; isso implicando numa dupla relação, de singular e de global. Nesse contexto, o melhor expediente teórico está no uso que os modernistas, destacadamente Oswald de Andrade, fizeram da metáfora antropófaga, que singulariza o global e globaliza o singular, vez que incorpora o outro (estrangeiro), fazendo dele um “eu” (ambos, agora, transformados). Por isso, Oswald datou o *Manifesto Antropófago* (1928) como “Ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha” (In: Andrade, 2011, p.74); i.e., o ano de 1554, quando os caetés comeram um sacerdote católico (pois viram nele algum valor) em um rito antropofágico (afirmando também um valor deles, caetés), foi o momento no qual o Brasil começou.

As relações, práticas e representações são marcadas por atributos de *regularidade* e *amplitude*, os quais, respectivamente, designam (a) continuidade e desdobramento no tempo histórico e (b) alcance e propagação no território nacional. Não há, contudo, equivalência quanto à presença desses elementos em fases diferentes da história e em partes distintas do território. Eles sempre diferem por matizes, intensidades, figuras, desempenhos e usos, mas preservam uma atmosfera de coincidência e uma genealogia rastreável que nos permite lê-los como a guardar uma *familiaridade* entre si. Essa familiaridade é apoiada por um presente materialmente dado na integração fática de ações e objetos.

Em nossa formulação teórica – a formulação que deu base à interpretação do bolsonarismo na pesquisa que culminou neste texto – essa familiaridade tem se revelado com eloquência e contundência notáveis quando constatamos os tipos do “ser brasileiro”, de brasilidade, plasmadores do bolsonarismo. Por isso, convém passarmos à apresentação, seguida de breve análise, das relações, representações e práticas profundas que o bolsonarismo tornou manifestas em nosso tempo e que são propriamente traços duradouros de nossa formação social.

### CAPÍTULO 3

#### OS ELEMENTOS DE LONGA DURAÇÃO DO BOLSONARISMO EM SINTONIA COM O BRASIL PROFUNDO

O bolsonarismo não é apenas um fenômeno político. Apesar de ter emergido no contexto de recrudescimento da extrema direita em todo o mundo, não é um mero exemplar local do radicalismo, em tese, universal, de Donald Trump, Viktor Orbán ou Marine Le Pen. Apesar de ostentar o nome do mais importante ator da direita brasileira desde a redemocratização, não advém necessariamente das premissas que mobilizaram a longa carreira desse político. Apesar de exibir morfologicamente um “ismo”, não se corporifica como conjunto orgânico ou sistêmico de ideias.

Por sua expressiva participação na sociedade brasileira, entretanto, o bolsonarismo revela estar em vibrante sintonia com o brasil profundo. Ele é um mostruário de alguns dos elementos que preenchem o intenso e volumoso fluxo de caracteres historicamente formativos da brasilidade. Isso é o que explica a sua resiliência e a sua magnitude – só posteriormente expressas em contendas eleitorais. É possível sustentar essa afirmação listando alguns desses elementos e os escrutinando minimamente e sem a pretensão de esgotá-los<sup>19</sup>.

Para fins analíticos, pode-se dizer que tais elementos aparecem sob três caracterizações modais: o modo *comportamento*, o modo *valor* e o modo *crença* (sendo também possível uma fusão entre eles). À guisa de metodologia, como já antecipamos, eles serão apresentados tipologicamente. É na abordagem dos elementos do brasil profundo enquanto certos valores, crenças e comportamentos que esboçaremos um painel explicativo revelador da base estável do bolsonarismo. Convém sublinhar que essa lista é totalmente destituída de valor moral. São aspectos do brasil profundo presentes no bolsonarismo que revelam o ser brasileiro em sua ambiguidade, não em uma suposta pureza ou presumidos vícios arraigados. Eis os principais:

---

<sup>19</sup> Em nossa formulação teórica sobre o brasil profundo, registramos um número maior de elementos de longa duração, porém, nem todos figuram como representações adequadas num trabalho sobre o bolsonarismo. A defesa de que há algo de genuinamente brasileiro no bolsonarismo não deve ser interpretada como a dizer que o genuinamente brasileiro é bolsonarista.

(a) *Simplismo*. É a crença subjacente a uma série de ações da ordem da vida prática que abriga expectativas de reduzir situações complexas a pouquíssimos termos explicativos, normativos e programáticos. Tem a sua forma *animista* e *semi-animista*, que consiste no apelo hierofânico de otimizar a resolução de problemas pessoais cujo desfecho não está nas mãos do agente que a manifesta. E tem a sua forma *pragmática*, que ocorre com a tomada de atalhos, que poupam o agente da sequência de etapas de um processo ou dos detalhes do que o compõe. O simplismo guarda íntima relação com o autoritarismo, o malandrismo e o autodidatismo<sup>20</sup>. Pode ainda se associar ao messianismo e ao punitivismo – todos tratados adiante.

Sobre o simplismo animista, é curioso notar como as manifestações religiosas de todas as matrizes e orientações dispersas pelo país lançam mão de apelos a produtos físicos que tornem instantâneo o milagre esperado por quem está em vias de conexão ou pacto de fé. Mesmo o protestantismo brasileiro, e as igrejas evangélicas como um todo, não abdicam do uso de óleos, águas milagrosas, ícones de salvação etc., práticas que não diferem tanto dos cultos a orixás e a santos católicos contra os quais alguns pastores, missionários e bispos costumam vociferar.

A forma semi-animista sempre foi mais difundida nos setores das classes médias que dão mergulhos parciais nas religiões constituídas, mas apostam bem mais em ecletismos e discursos de autoajuda. Não é uma hierofania, mas uma idolatria do léxico, um conforto temporário à mente atormentada pelas restrições sociais e econômicas com palavras-chave de esperança e evasão. O simplismo é semi-animista quando não assume necessariamente uma intervenção direta do sagrado que atrele o beneficiário a compromissos e rotinas de uma religião, que não necessariamente "institucionalize" suas urgências. As formas animista e semi-animista do simplismo revelam a crença latente de que há meios de ter acesso privilegiado às intenções do divino ou ao conteúdo do mistério que sejam favoráveis ao portador da crença<sup>21</sup>.

A forma *pragmática* do simplismo é também muito conhecida. Saídas e explicações simples para coisas complexas são abundantes na vida ordinária e nos discursos políticos brasileiros. A impaciência, eventualmente bem respaldada, com ritos, processos burocráticos e filas de espera,

<sup>20</sup> Um excelente registro literário do casamento entre simplismo e autoritarismo pode ser encontrado nas obras de Jorge Amado que narram o processo de ascensão do ciclo do cacau no Sudoeste da Bahia e seus entornos. Na disputa das terras de Sequeiro Grande, em *Terras do Sem Fim* (1943), para resolver o “entreve” causado pelo registro formal da área pelo coronel Horácio, o coronel Teodoro das Baraúnas simplesmente incendiou o cartório onde estava a documentação, em favor dos Badaró (AMADO, 2008a, p.152). Ou, por exemplo, na cena de abertura de *Tocaia Grande* (1984), quando o capitão Natário da Fonseca promove um banho de sangue dizimando os homens do coronel Elias Daltro, em favor do coronel Boaventura Andrade, na disputa pela posse da “imensidão de terra devoluta, de mata cerrada, que se estendia da boca do sertão às margens do rio das Cobras” (AMADO, 2008b, p.19).

<sup>21</sup> Entre os inúmeros textos de Machado de Assis (2007, p.351-358)), “A Cartomante” é um precioso exemplar do simplismo semi-animista.

integra a mesma família de comportamentos em que tem lugar o desprezo aos manuais de montagem de aparelhos ou móveis, bulas de remédio ou livros com muitas páginas e letras miúdas. Todos esses são exemplos de retardos de uma consumação que se crê poder ser muito mais facilmente acessada se forem dados saltos na direção de seu desfecho<sup>22</sup>.

Uma das manifestações do simplismo no plano econômico é a aposta histórica em monoculturas produtivas sempre associadas a riquezas naturais. A crença de que a prosperidade local é alcançada quando os agentes se adequam ao mercado de consumo internacional criou uma orientação econômica de primazia da exportação de produtos pouco ou nada trabalhados pela inteligência. A tese de Caio Prado Jr (2012), segundo a qual o sentido da colonização era a extração e a exportação de produtos da terra, e a tese freyriana da casa grande completada pela senzala como “sistema econômico, social, político” em que a produção é a da “monocultura latifundiária” (Freyre, 2013, p. 36), revelam também a tendência simplista de longa duração da sociedade brasileira nos domínios da produção e da troca. É um simplismo predominantemente pragmático, porque, organizando a economia nacional como um todo, toca em questões cotidianas – e não apenas econômicas – em escala territorial. Mas o exemplo contempla também a forma animista, pois que, nesse impulso monocultural, o bem cambiável passa a adquirir contornos míticos de dádiva.

Na trajetória pessoal de Bolsonaro e em sua passagem como candidato à presidência e como presidente, apelos a minerais de salvação, como os tão repetidos “nióbio” e “grafeno”, são demonstrações do simplismo pragmático e animista, assim como sua militância contra o que chamava de “vacina chinesa” representa uma aplicação política do elemento simplista.<sup>23</sup> Pode-se ainda observar como teorias da conspiração – das quais, a propósito, a esquerda, especialmente petista, nunca abriu mão – se tornaram um elemento central na comunicação política da extrema direita global, encontrando eco nas formas culturais simplistas nacionais. Assim, firmando lastro e se perpetuando com o bolsonarismo.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Uma tese de Sérgio Buarque de Holanda (2012, p.146-149), apesar de enfatizar o “fundo emotivo extremamente rico e transbordante” de seu homem cordial, proposta à qual não aderimos integralmente, traz refinadas reflexões sobre o que chamamos aqui de simplismo pragmático, na dimensão mais miúda do comportamento coletivo no cotidiano, em exemplos como: do domínio da linguística, o emprego constante dos diminutivos; do tratamento social, a prevalência do nome próprio sobre o sobrenome; dos costumes religiosos, o excesso de intimidade com santos católicos: santa Terezinha, menino Jesus etc.

<sup>23</sup> Também, em alguma medida, o simplismo se revela com seus revezes setores caros a Bolsonaro. É uma forma do simplismo, por exemplo, certa maneira de conceber o agronegócio como derrubada de vegetação e “plantio” de produto (soja, milho, etc, ou mesmo o gado/pasto) para retorno presto. Há muitas pesquisas na área que demonstram que a longo prazo a terra é prejudicada a tal ponto que a própria produção é afetada. A saída de muitos produtores costuma ser avançar para outras terras ou lançar mão de agrotóxicos que forcem o desenvolvimento da produção e que a médio/longo prazo prejudicam novamente a área.

<sup>24</sup> É o que se pode depreender a partir de matéria publica em O Globo, em 23/06/2021: <https://oglobo.globo.com/politica/teorias-conspiratorias-mobilizam-bolsonarismo-com-explicacoes-simplorias-da-realidade-1-25072853>

(b) *Machismo*. Pode-se dizer que o machismo tem uma face de comportamento e outra de crença. É o comportamento que sacramenta uma hierarquização das relações sociais totais com base na primazia do homem sobre a mulher, do masculino (vigoroso e viril) sobre o feminino (doméstico e passivo). Mas, à medida que esse comportamento instaura uma realidade de vantagens sociais e hierarquias favoráveis ao homem, ele exibe uma crença em reflexo, a saber: de que essa realidade é a própria ordem natural das coisas. O machismo mantém relação com o autoritarismo e com o sadismo, tratados à frente. Aspectos gerais do tema no Brasil, inclusive em relação com outros elementos de longa duração, foram diagnosticados, por exemplo, por Gilberto Freyre, em *Casa Grande & Senzala* (1933), sobretudo na descrição do senhor de engenho e a construção de seus papéis no interior da casa e fora dela<sup>25</sup>.

Em trabalho organizado por Mary Del Priore (1997), esse elemento profundo brasileiro foi exposto em suas diversas faces, desde o processo de colonização, o que fez impacto duradouro do machismo e das normas patriarcais na vida especialmente das mulheres brasileiras. O livro explora de que forma a repressão da sexualidade feminina e a limitação da participação das mulheres em espaços públicos, como a política e a educação, moldaram historicamente suas oportunidades e autonomia. Os textos amplamente documentados historiograficamente expõem disputas pela construção de contra as normas de gênero, evidenciada pela participação crescente das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades ao longo do século XX.

É sob pesada carga machista que o bolsonarismo trata a homossexualidade como uma forma de degeneração. O que é conspícuo como maior incômodo para o bolsonarista, contudo, são os atributos externos à orientação sexual em si, os que lhes parecem manifestação de antivirilidade e, por isso, de fraqueza. A visceral indisposição do bolsonarismo com gays e travestis é congruente com declarações aparentemente de outra ordem, mas na profundidade conexas, como as que o ex-presidente proferiu durante a pandemia sobre seu histórico de atleta garantir-lhe maior resistência ao vírus e sobre a necessidade de o país voltar às atividades econômicas deixando de “frescura”<sup>26</sup>. O machismo profundo é uma espécie de culto à estética da força. A propósito, a escandalização diante de um inexistente kit gay do governo do PT foi um canalizador bastante favorável à vitória eleitoral de Bolsonaro. A ameaça que o bolsonarismo profissional identificava nesse fictício empreendimento

<sup>25</sup> Numa passagem que trata do sadismo, Freyre (2008, p.114) o relaciona com o que aqui chamamos de machismo de maneira exemplar: “Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem.”

<sup>26</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56287135>

político era a de desvirtuação da infância e da juventude que seria promovida por uma orientação comportamental de valorização da fraqueza.

(c) *Messianismo*. É a crença de que há uma luta espiritual entre o bem e o mal regendo a vida moral e material dos indivíduos; e essa luta é intimamente associada à crença de que alguém dotado de um dom especial conduzirá o conjunto da sociedade, que padece sob a escassez, a tirania e o desespero, a seu caminho de redenção. Mas, enquanto elemento do Brasil profundo, este, a quem se delega a tarefa de guia, jamais pode ser um tecnocrata frio, um religioso anti-popular ou um letrado vaidoso. Ele tem de ostentar uma áurea que confirme que o salvador pertence ao grupo, que ele é “gente da gente”. Os religiosos que deixaram seu nome na história, como um Padre Cícero, um Antônio Conselheiro ou um Edir Macedo guardam grande semelhança messiânica com figuras políticas redentoras, como Getúlio Vargas, Tancredo Neves, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Bolsonaro.

No âmbito das pesquisas sobre o bolsonarismo, cabe destacar o trabalho de Paolo Demuru (2021) que explora as intersecções entre populismo e teorias da conspiração no Brasil, destacando o papel central de Jair Bolsonaro em propagar uma narrativa que mescla discursos religiosos messiânicos com estratégias políticas. Utilizando uma abordagem semiótico-cultural, Demuru argumenta que Bolsonaro se posiciona como um "salvador da pátria", emulando líderes messiânicos ao apoiar-se na retórica da luta do povo contra elites corruptas. Este discurso é acentuadamente reforçado pelo contexto religioso do Brasil, em que o messianismo evangélico contribui para a ressonância e a aceitação de teorias conspiratórias.<sup>27</sup>

(d) *Autoritarismo*<sup>28</sup>. É o comportamento que manifesta o desejo de organizar a coexistência por meio da força, da truculência e da ameaça. Parte significativa de sua ocorrência vem em alinhamento com o simplismo, na medida em que incorpora a crença de que qualquer problema tem soluções imediatas disponíveis.

No plano político, convém lembrar que, em função da cultura autoritária, as tentativas de construção de um ordenamento institucional duradouro e estável no país foram sucessivamente sabotadas. O autoritarismo está, por exemplo, em todos os empreendimentos de tomada de poder por

<sup>27</sup> O artigo sugere que as teorias da conspiração não apenas moldam a percepção pública e a política, mas também são moldadas pela cultura local, exemplificando com a integração do discurso de Bolsonaro com crenças evangélicas neopentecostais. Demuru aponta para uma “glocalização” (global-local) de práticas discursivas que são globalmente reconhecíveis, mas localmente adaptadas e amplificadas.

<sup>28</sup> Recentemente alguns autores e autoras têm se dedicado ao estudos do autoritarismo na chave diacrônica de longa duração, alguns em estilo mais ensaístico, como o trabalho de Lilia Schwarcz (2019).

militares, quer nos que tiveram algum êxito, quer nos que malograram, bem como na insubordinação dos homens de caserna à sociedade civil.<sup>29</sup>

O autoritarismo não se manifesta exclusivamente na institucionalidade de Estado, como alguns estudos acerca do bolsonarismo apontaram (Araújo & Carvalho, 2021). A cultura política que naturaliza a conservação e a expansão do interesse privado no domínio público é também sua expressão. Exemplo eloquente disso é o coronelismo, que prosperou nas áreas rurais do país ao longo de todo o século passado. Do clássico estudo de Vitor Nunes Leal (2012) obtemos um importante testemunho do elemento autoritário de longa duração da sociedade brasileira<sup>30</sup>.

O autoritarismo vingou também nas grandes cidades com robustas periferias pelo fenômeno mais recente das milícias. A justificativa que as milícias, as formas semi-institucionalizadas dos grupos de extermínio, dão a si mesmas para o trabalho paramilitar é a de “restaurar” a ordem em uma comunidade assediada por roubos e tumultos<sup>31</sup>. O elemento longo e difuso que também se nota aqui é a recomposição da autoridade pelo emprego franco e livre da violência. Coronéis e milicianos, no campo e na cidade, consagram a imposição com e pelas armas, com e pela truculência, amortizadas esporadicamente por mimos compensatórios – presentes, auxílios, promessas e afagos aos carentes –, o controle total de áreas, respectivamente rurais e urbanas, sob o pretexto da conservação de interesses privados violados pela desordem<sup>32</sup>. Não por acaso, o elemento legal que confere valor a todas essas formas de autoritarismo sub-institucional é a propriedade.

<sup>29</sup> Material relevante para ilustrar esse argumento encontra-se em José Murilo de Carvalho (2005). A centralização do poder político nas mãos do presidente, sobretudo como inscritas nas Constituições Brasileiras posteriores à Revolução de 1930 e anteriores à vigente, contribuiu para o apoio do poder executivo em suas Forças Armadas, o que, por parte significativa da história da nossa República, gerou momentos de tensão (e mesmo de ruptura) e fez do militarismo tema constante na vida política nacional.

<sup>30</sup> Quanto mais se aproxima dos planos de interação pessoais, como família, vizinhança, bairro, cortiço, comunidade, favela etc., tanto mais o autoritarismo é modulado por comportamentos arbitrários e abusivos. A literatura romanesca é generosíssima no provimento de exemplos disso. O soldado Crapiúna, que abusa da protagonista de *Luzia Homem* (1878), de Domingos Olímpio, e o Soldado Amarelo, de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, que atormenta a família de Fabiano, são alguns dos casos.

<sup>31</sup> Em ilustrativa passagem de um notável trabalho sobre as milícias, Manso (2020, p.6) relata: “Lobo [nome fictício de um miliciano entrevistado] falou de violência, portanto, como se fosse um miliciano ‘reformado’; não precisava mais matar, mas compreendia a relevância e a necessidade dos assassinatos que presenciou ou cometeu. A disposição de praticar homicídios, segundo ele, colaborou na construção do poder e da ordem no bairro onde sua milícia agia. A nova ordem que ele ajudou a criar, na sua concepção, era melhor do que a vigente no passado, estabelecida pelos bandidos e pelo tráfico. A violência fardada dos paramilitares se justificava por ser um meio de defender os interesses dos cidadãos de bem contra a ameaça dos criminosos.”

<sup>32</sup> Um precedente desse pretexto de garantia de ordem tem registro histórico bem ficcionado por Machado de Assis (2007, p. 467), em “Pai Contra Mãe”, conto em que o protagonista assume o ofício de caçar escravos fugidos. Escreve o autor: “Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.”

Não é apressado inferir que alguns setores, grupos e profissões da sociedade brasileira encontram na estética e no discurso de Bolsonaro aspectos autoritários que lhes são representativos e que atendem seus interesses e propósitos. A bandeira da defesa da propriedade privada como aporte para a mensagem da segurança hasteada pelo então candidato e pelo já presidente recebeu enorme apoio de profissionais da segurança pública e das Forças Armadas, mas também do mundo do agronegócio, sem esquecermos dos profissionais das estradas, os caminhoneiros.

(e) *Malandrismo*. É o comportamento de quem quer melhorar de posição pessoal e, reagindo à formalidade das regras, opta por “deslizar” entre elas, por “esquivar-se” de seus dispositivos de controle, por “escapar” de seus instrumentos legítimos de busca e correção, por “escorregar” do cerco de seus operadores e juízes. Tem alguma relação com o simplismo, vez que é manifestado por quem crê que o destino próspero é alcançado de forma a se abreviar os entraves que o separam do agente no agora. Mas o malandrismo se difere do simplismo por um atributo de natureza psicológica: enquanto o simplista puro tende a negar a realidade que se impõe com riqueza de detalhes, extensão e assombro, o malandrista a encara de frente e aceita compor seu elenco, forçando para que isso se dê em seus (dele) próprios termos, que resulte da escrita do roteiro que ele rabiscou<sup>33</sup>. O malandrismo não ignora a complexidade do que o envolve, apenas investe nas lacunas e réstias que a integram<sup>34</sup>.

Apesar de abordar o malandro sob outra perspectiva, DaMatta (1997, p.274) é bastante feliz ao afirmar que o sinal do bom malandro e da boa malandragem é “converter todas as desvantagens em vantagens”. Tal como entendemos, para realizar seu empreendimento, o malandro precisa adotar uma *cosmética*: uma vestimenta, uma gestualidade, uma retórica, que sejam compatíveis com o contexto de que ele quer colher proveito. O militar que se beneficia pessoalmente contra a formalidade de seu estamento e o procurador da República que fabrica condições jurídicas para se promover politicamente o exemplificam. Sim, as afinidades entre o bolsonarismo e o lavajatismo passavam, não só pelo *punitivismo* (que veremos em breve), como também pelo reavivamento do malandrismo: malandro-de-caserna e malandro-mauricinho unidos pelo pretexto anti-establishment que justifica a truculência autoritária e a torção do direito em seus projetos pessoais da busca fácil pelo êxito.

<sup>33</sup> Esses tipos costumam aparecer em comédias de Ariano Suassuna. Pensemos, por exemplo, na dupla de personagens de *O Auto da Compadecida* (1955). As maneiras com que Chicó e João Grilo resolvem seus dilemas permitem ver traços do simplista em Chicó, o mentiroso e frouxo, e do malandrista em João Grilo, astuto e persuasivo.

<sup>34</sup> Na literatura do século XIX essa figura urbana já aparecia na personagem Leonardo, em “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, de Manuel Antônio de Almeida, por exemplo.

Nesse sentido, não é o dionísíaco e onírico carnaval o que explica o malandrismo. É bem mais a necessidade de adaptação a uma realidade apresentada com rigidez e restrições contra a qual a dissimulação promete colheitas alvissareiras. O malandrismo é multisetorial e irreduzível à figura pitoresca do malandro, havendo-o em agentes públicos, empresas, igrejas, partidos políticos etc. Assim, malandrismo é um fenômeno mais amplo que o fenômeno da malandragem e talvez se possa dizer que a malandragem é consequência desse traço longo de comportamento no país.

(f) *Sadismo*. É um afeto socialmente elaborado com comportamentos associados. Esse afeto consente e naturaliza o gozo ou o divertimento extraído do sofrimento, da humilhação ou da morte de outrem.

No jogo intrincado de ambiguidades que constitui a vida social, o sadismo desponta quando alguns indivíduos e grupos são considerados e tratados como merecedores de algum padecimento, quer por cometerem crimes de certo tipo, quer por exercerem ofícios de certo tipo, quer por ocuparem posições sociais de certo tipo. A crença silenciosa de que atitudes, posições e funções respaldam, não a responsabilização legal, mas o sofrimento, a humilhação e até o óbito de alguém, coisas a serem cultivadas e contempladas com deleite, é o que está por trás desse elemento de longa duração de nossa vida social.

Dos mais longevos, extensivos e penetrantes fatores constituintes da sociedade brasileira, não é difícil notar a relação do sadismo com outros dos elementos de nossa lista, a saber: o autoritarismo, o machismo e, em menor medida, o malandrismo. Também é forte a sua afinidade com o punitivismo, visto adiante.

Considere o êxito popular dos programas policiais, primeiro das rádios, depois dos canais de televisão. A exposição dos acusados, réus e criminosos é naturalizada e espetacularizada. Muitas vezes, a atuação dos repórteres no interior das delegacias é repleta de zombaria contra o criminoso, tornado objeto de chacota, em contraste com o trato deferente com o profissional da segurança, que figura como herói a se exaltar. O sucesso de audiência não se deve à sintonia de classes sociais distintas, que pudessem assistir ao noticiário como quem vê à distância uma exposição de personagens exóticos, mas também à própria classe, grupo, bairro, vizinhança dos protagonistas. As pessoas assistem como se quisessem ser participadas das fofocas do dia, como quem quer se vangloriar de um vexame imposto ao outro e não a si, como quem goza, sem comemorar mas também sem ruborescer, diante da humilhação alheia. Uma humilhação merecida, pois que, se a figura é sujeita ao aviltamento televisionado, deve ser certa sua imoralidade intrínseca. Esse é um comportamento de plateia – e, portanto, de contratante e de financiador – dos tão recorrentes

linchamentos de nossa história nacional. É um sadismo colhido de um revanchismo social singular (Martins, 1996).

É público e inquestionável o sucesso de Bolsonaro entre os telespectadores desses programas. No período pré-eleitoral e eleitoral, em 2018, havia uma congruência tácita entre ele e famosos apresentadores do gênero. A mensagem sensacionalista dos programas policiais, que adquirem representações vulgares de triunfo contra criminosos como compensação por não se inibir a criminalidade, foi devidamente contemplada em um dos slogans mais sádicos da política na nova República: "bandido bom é bandido morto". Tal slogan como que sintetiza, no bolsonarismo e para além dele, uma compreensão de oposição da política entre os ditos "homens de bem" e os chamados "direitos humanos", o que se tornou indispensável no entendimento da política brasileira na atualidade (Silva, 2019)

A transparência com que Bolsonaro exibia o seu escárnio face o sofrimento de criminosos era apenas um aspecto do sadismo que atingiu a apoteose política em seu quadriênio de mando. Seu comportamento sádico também se fez notar nas menções inoportunas aos abatidos e enlutados pela Covid-19. A mímica dos doentes que apresentavam insuficiência respiratória, gesticulada como troco tripudiante ou como troça despreziosa, que chocou a imprensa, não recebeu sanções eleitorais significativas.

(g) *Autodidatismo*. É uma crença, um valor e um comportamento. O que o caracteriza é o apreço pela capacidade individual de dominar, pela experiência acumulada, o manuseio e o funcionamento das coisas. Costuma estar envolto por certo orgulho de quem possui expertise a despeito de não ter sido beneficiado por uma educação formal que o habilitasse à tarefa. Esse comportamento, contudo, torna natural o despreço pela formalidade e pelo método no exercício de atividades práticas. O autodidatismo floresce no contexto de formação da cultura letrada nacional, muito marcada por seu distanciamento dos saberes do cotidiano, os quais são, a propósito, tidos como inferiores e pedestres. Ele é, portanto, em grande medida, uma reação ao bacharelismo<sup>35</sup>.

Uma herança do autodidatismo é a fúria contra as instituições de ensino. Essa fúria encontrou razões e contextos na segunda década do século XXI bastante favoráveis ao discurso de Bolsonaro.

<sup>35</sup> As reações populares ao bacharelismo em que se insere o autodidatismo são também reações a um conjunto de externalidades estéticas, não exclusivamente à moral e à conduta de a quem se reage. Nesse caso, às vezes, se colhe, até sob alguma ironia, o desprezo popular – inclusive, e principalmente, das classes médias – por quem aparenta querer diferenciar-se dos de seu entorno pelo acesso à cultura literária acumulada nos livros. Exemplo especial disso foi bem capturado por Lima Barreto (1998, p. 19), ainda nos primeiros parágrafos de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, quando, apresentando seu protagonista, escreve: “Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: ‘Se não era formado, para quê? Pedantismo!’”..

A emergência de uma agenda anti-universitária e cismada com os marcos teóricos articuladores da educação básica deu azo a movimentos como o "escola sem partido", que reivindicou, entre outras coisas, o direito à educação fornecida no lar: sem técnica e sem métodos testados, mas sob o guarda-chuva da honestidade, da segurança e da boa vontade paternas – virtudes tidas como suficientes para a tarefa. Nesse assunto, a figura de Olavo de Carvalho, ele próprio um autodidata, apoiador e incentivador de Bolsonaro, teve proeminência. O autodidatismo, com ele, tornou-se culto e motivo de orgulho no antagonismo à institucionalização da transmissão do saber.

O autodidatismo também se verifica na precariedade do tratamento do bolsonarismo com os demais poderes, com os Ministérios Públicos, com outros países e consigo mesmo, i.e., o descompasso no desempenho do próprio exercício governamental. Não é apenas uma atitude anti-establishment que está sob a conduta bolsonarista em relação às instituições. É um rotundo desconhecimento da técnica legislativa, governamental e do manejo das coisas de Estado como um todo. Há uma rotina de improvisações seguidas, de tropeços desnecessários, facilmente contornáveis. Hoje, após as inúmeras denúncias que vêm se avolumando no sentido de identificar as irregularidades da gestão Bolsonaro, vê-se que os possíveis crimes cometidos por ele e por seus correligionários têm provas cabais extraídas de deslizes e incompetências no manuseio das tecnologias de informação e na acomodação às determinações do direito público. Coisas como essas sabotam o empreendimento mal intencionado.

h) *Punitivismo*. É uma crença e um comportamento que se manifesta por aqueles que consideram a punição um sinônimo de justiça e a adotam em sua prática e em seu discurso. Há um traço psicológico característico entre os punitivistas: a pressa em ver efetivada uma sanção combinada com a predileção por que seja espetacularizada – como se uma plateia estivesse ansiosa pelo show da condenação. Diferentemente do autoritarismo, o punitivismo não tem uma cosmovisão política respaldada para a ordenação de um tumulto constante, ainda que sirva amiúde aos autoritários que buscam apoio popular para exercer a violência. Ele é mais uma resposta moralizante ao mérito da ação alheia.

Certamente, o punitivismo é um elemento do brasil profundo que ocorre quase sempre em concomitância ao sadismo. Por isso mesmo, convém distingui-los. O sadismo é um afeto social e o punitivismo é um complexo de juízos e práticas. Uma senhora pobre, que assista com curiosidade e entusiasmo à edição de um programa policial em que o filho de sua vizinha é rendido pela polícia como suspeito, não será necessariamente punitivista, sendo provavelmente apenas sádica. Já o cidadão que entenda e endosse que a lei seja distorcida para tornar célere a sanção a denunciados,

mesmo estes sendo potenciais inocentes, será um punitivista, mas não necessariamente, um sádico. Por outro lado, linchadores de corpos e de reputações, que atuam nas ruas e nas redes sociais, são punitivistas e sádicos<sup>36</sup>.

i) *Antidecoro*. O comportamento antidecoro é também um elemento do Brasil profundo perceptível no contexto da comunidade bolsonarista. Em qualquer sociedade, os ritos que costumam seus processos sociais são pactuados e vividos com certa formalidade que remete à tradição que os celebra, e uma memória é por meio deles revivida. Na história social brasileira, em muitos ambientes, principalmente os seculares, os ritos têm essa formalidade ferida ou relativizada por comportamentos de quebra de decoro. Trata-se de vestes, gestos e principalmente falas que destoam pontual ou brevemente do contexto e corrompem a aparente frieza formal do rito para introduzir nele o deboche, o escárnio, a autenticidade ou a revolta. Contudo, tal quebra de protocolos e cerimoniais não é assimilada como parte de uma anomia social ameaçadora, pois o rito não é questionado em sua totalidade, apenas maculado em sua pureza formal. O comportamento, portanto, é uma tímida sabotagem ao establishment, este que figura no imaginário de quem manifesta o antidecoro como a dever ser fustigado, já que não pode ser suplantado.

Há manifestações do comportamento antidecoro que não parecem possuir essa raiz anti-establishment. Mas essa independência não passa de aparente. As pequenas quebras de protocolo que estão em toda parte podem ser rastreadas como expressões da mesma contraposição. É que as formas do antidecoro não exibem apenas uma reação espetacularizada e sisuda a um poder em exercício ou em celebração. Elas são, vale dizer, em maior medida, provocações e acintes tocados por boa vontade, alegria e bom-humor. Não só pelo uso constante de palavrões, o humorismo brasileiro, por exemplo, frequentemente depende dessa quebra e a explora com grande desenvoltura.

Considere-se toda a trajetória de Bolsonaro como parlamentar e como presidente. É totalmente inconcebível a sua presença na vida pública nacional sem a marca da quebra do decoro. O comportamento não é incomum entre os presidencialistas, mas Bolsonaro elevou o antidecoro ao apogeu (MEDEIROS, 2020). Exemplos não cabem em um parágrafo. O episódio da foto em que o presidente trajava uma esdrúxula composição de blusa de time, calça esportiva, meia e sandália e

<sup>36</sup> O linchamento é uma prática social carregada de punitivismo e de sadismo. É uma quebra do monopólio legítimo da violência pelo Estado e, portanto, da própria lógica impessoal e imparcial de resolução dos conflitos. Uma observação importante sobre o tema é encontrada em Martins (2015, p.46), para quem “os atos de linchamento no Brasil, às vezes muito elaborados, revelam-se ritos de definição do estranho e da estraneidade da vítima, o recusado e excluído. É nesse sentido que os linchamentos são sociologicamente importantes. Eles denunciam o estreitamento das possibilidades daqueles que, deslocados por transformações econômicas e sociais, situam-se nas franjas da sociedade, nos lugares da mudança e da indefinição sociais. Ao mesmo tempo, denunciam a perda de legitimidade das instituições públicas, através de uma legitimação alternativa, que escapa das regras do direito e da razão”.

paletó, para participar de uma reunião no início de seu mandato, já confirmava o antidecoro estético e intencional<sup>37</sup>. As constantes piadas de cunho sexual compartilhadas com cidadãos comuns e com chefes de estado expressam o mesmo fenômeno. Além de tantas outras coisas, vale lembrar a criação das "lives de quinta". Elas foram a rotinização do antidecoro, tudo sendo exibido de forma espontânea ou forçada para representar a quebra de protocolo que renovasse no presidente a transparência de que gozava entre seus eleitores e fãs.

\*\*\*

Para que tenha emergido o bolsonarismo e para que se sustentasse como força política, não foi e não é necessário que todos esses componentes da brasilidade ocorram equânime e simultaneamente. Seria um erro alegar que o bolsonarismo é um desdobramento da realização concomitante de todos esses elementos listados. Na verdade, apenas na figura do próprio Bolsonaro é possível vê-los em sincera confluência. Os diversos setores, segmentos, grupos e indivíduos da população brasileira manifestam cada qual apenas parte desse complexo de coisas e sofrem o empuxo político em direção a Bolsonaro por ângulos distintos.

Além disso, ao listar esses elementos como alguns dos caracteres do brasil profundo, não estamos restringindo suas ocorrências ao espectro político da direita ou à moral conservadora. Há progressistas machistas e autoritários. Há esquerdistas simplistas e messiânicos. Há identitários sádicos e malandros. Sustentamos apenas que tais elementos são regularidades de toda a sociedade brasileira e que encontraram uma estrutura de oportunidade favorável na ascensão de Bolsonaro. Reconhecemos que, para a coesão e o reavivamento desses elementos no bolsonarismo, contribuíram significativamente os fatores políticos da história recente, entre os quais a formação e a consumação de um sentimento de oposição ao petismo e às esquerdas. Se esses comportamentos, valores e crenças realmente se fazem presentes em nossa história nacional e seguem sendo transmitidos entre gerações e entre lugares, pode-se dizer com segurança que o bolsonarismo antecedeu ao próprio Bolsonaro e que permanecerá, em alguma medida, por aí, mesmo após o fim de sua carreira, esperando nova oportunidade de viabilização política.

<sup>37</sup> Uma excelente análise da foto pode ser encontrada em Villas Bôas (2022, 18-19). De acordo com a autora, “são os calçados que separam literalmente o corpo físico do corpo político, o indivíduo Bolsonaro da sua função e do espaço em que ele deve exercê-la. A ausência dessa separação permite a intrusão, a revelação obscena do corpo do indivíduo Bolsonaro em pleno exercício, em plena fenomenação do ‘cargo’ de presidente. O termo ‘obsceno’ tem aqui um sentido técnico, específico, derivado do grego antigo. Serve para designar o que está fora da cena, estando sempre relacionado a uma aparição que revela os limites da representação. Obsceno aqui apontaria uma impropriedade, um entrave ao funcionamento da maquinaria simbólica do cargo. Os chinelos são impróprios, obscenos, porque evocam o corpo físico, doméstico e privado do indivíduo Bolsonaro durante o desempenho de uma função política, oficial e pública, numa fatídica reunião sobre o futuro da nação”.

## CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DE TRÊS DOMÍNIOS DE ATUAÇÃO DO BOLSONARISMO: INSTITUCIONAL, CULTURAL E POLÍTICO-IDEOLÓGICO

Para que o bolsonarismo se revelasse intimamente conectado à mentalidade brasileira, a estrutura de oportunidade política no Brasil foi alterada significativamente<sup>38</sup>. Quais os fatores que propiciaram essa alteração? Nossa tese é que cinco fatores foram mais importantes. Estão organizados conforme o quadro abaixo:

**Quadro 5 - Tipificação dos fatores que alteraram o contexto brasileiro na última década**

Nº	Fator	Detalhes e Referências
1	Crise do petismo e do lulismo	Declínio das forças políticas hegemônicas desde 2013. (Souza, 2018)
2	Exaustão do modelo de gestão econômica	Modelo econômico implementado entre 2008 e 2014 mostra sinais de desgaste acentuado. (Carvalho, 2018; Gala e Roncaglia, 2020)
3	Percepção da incapacidade governamental	Crescimento da percepção social sobre a incapacidade dos governos de melhorar materialmente a vida dos indivíduos.
4	Deslocamento do debate público para moral, comportamentos e identidades	Mudança no foco do debate público para questões morais e identitárias. (Bosco, 2017; Pérez; Pinha, 2020)
5	Utilização em larga escala da comunicação digital	Mudanças nas condições sociais da comunicação política e da própria esfera pública brasileira cada vez mais digital e digitalizada (Almada, et. al., 2019).

Fonte: elaboração dos autores

<sup>38</sup> O conceito de "estrutura de oportunidade política" (McAdam; Tarrow; Tilly, 2009) refere-se ao conjunto de circunstâncias e variáveis que facilitam ou inibem a formação, a ação e o sucesso de movimentos sociais e políticos. Essas estruturas incluem o grau de abertura ou fechamento do sistema político, a estabilidade ou instabilidade das alianças políticas, a capacidade e disposição do estado em reprimir a dissidência, bem como a presença ou ausência de aliados influentes. Em essência, este conceito enfatiza que as oportunidades políticas disponíveis no ambiente externo aos movimentos influenciam significativamente suas estratégias, objetivos e potencial para efetuar mudanças. Charles Tilly (Alonso, 2012) adiciona uma camada analítica significativa ao desenvolver o conceito de "repertório de ação coletiva", que não apenas considera as oportunidades políticas como canais objetivos de ação, mas também integra os aspectos simbólicos e cognitivos que moldam a forma como os movimentos interpretam e reagem a essas oportunidades. Este enfoque permite uma compreensão mais rica da dinâmica entre as oportunidades objetivas e as respostas subjetivas e coletivas, destacando como as estruturas políticas e as percepções culturais interagem para influenciar o comportamento dos movimentos sociais. A abordagem de Tilly, portanto, reconhece a complexidade das motivações humanas e o papel crucial das culturas locais e das identidades na configuração das ações coletivas.

É razoável analisar esse quadro tendo em mente que o bolsonarismo operou pela injunção de transformações: (1) ocorridas no cenário político com a ascensão da nova direita (Cepêda, 2018) e (2) facilitadas pelo contexto político de uma aversão crescente ao Partido dos Trabalhadores (PT), que derivou do esgarçamento do modo de gerir o presidencialismo de coalizão, aliado à prolongada recessão econômica. Bolsonaro foi eficiente na empreitada de associar à esquerda uma alegada "degradação moral" (que incluiria elementos como a homossexualidade, a pedofilia, o aborto, a distorção da estética artística, a complacência com a violência e a corrupção).<sup>39</sup>

## SEÇÃO 1

### O EIXO INSTITUCIONAL: SIMPLISMO, MALANDRISMO, AUTODIDATISMO, AUTORITARISMO E ANTIDECORO

Ao organizar em três eixos de atenção a massa de informações e interpretações a respeito do bolsonarismo, podemos aplicar sobre ele um enquadramento em que tenham destaque alguns dos elementos do brasil profundo. É assim que será possível mostrar em que sentido Bolsonaro foi bem-sucedido em sua ascensão e permanência no poder. A tabela abaixo mensura os termos mais utilizados na conta pessoal do ex-presidente Jair Bolsonaro no que tange às temáticas relativas às instituições dentro do período de recorte de nossa pesquisa:

**Tabela 1 - Termos mais utilizados nas postagens do Twitter, considerando o Eixo Instituições**

Palavra	Frequência Numérica
Moro	11.050
Polícia	8.656
Lava Jato	7.536
Imprensa	4.310
Amazônia	3.626
Armas	2.759
Forças Armadas	1.621
Universidade	1.506

<sup>39</sup> Foi e é frequente a vinculação realizada por Bolsonaro entre as esquerdas e um suposto desvio moral – associação com forte pregnância nos setores que sustentam o líder da extrema direita –, com caracterização do absurdo e do grotesco, como a complacência com traficantes e usuários de droga e o gosto por comportamentos sexuais chocantes, como a pedofilia e o golden shower

Instituições	1.286
Agronegócio	622
Evangélicos	510
Milícias	456
Populismo	304
Ciência	203
Garimpo	178

Fonte: Twitter (elaboração dos autores)

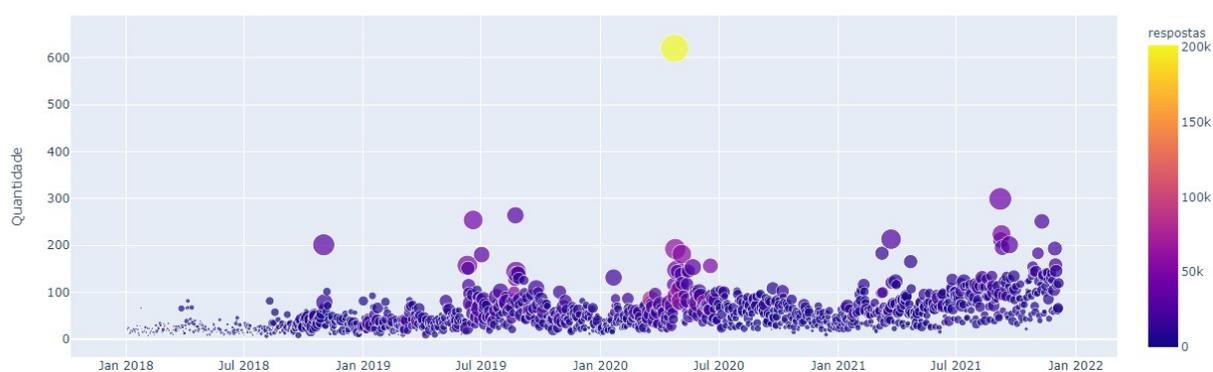
A técnica empregada para analisar a influência do bolsonarismo nas redes sociais e no debate público brasileiro é baseada em um desenho de pesquisa que considera o contexto político e as estratégias de mobilização associadas a esse movimento político. Isso envolveu, como já antecipado na introdução e especificado no quadro 1, uma revisão da literatura e uma análise da cobertura da imprensa, resultando na criação de tipificações que orientaram a seleção de termos específicos para monitoramento da frequência de uso de algumas contas no Twitter. Estrutura a análise a construção de eixos teóricos e tipificações com que organizamos os termos definidos em categorias que refletem as principais rotas de ação política do bolsonarismo. Essa estruturação não apenas facilitou a análise dos dados, mas também a interpretação dos resultados. Assim, a seleção dos termos está alinhada com os eixos teóricos que estabelecemos e busca capturar as tendências e estratégias discursivas do bolsonarismo. À medida que o contexto político e social evolui, uma revisão contínua dos termos usados é essencial para assegurar que a pesquisa permaneça relevante e eficaz na captura das dinâmicas atuais.

Uma breve análise dos termos mais utilizados nas postagens do Twitter sob o eixo "Instituições" revela uma predominância de discussões relacionadas a temas políticos e judiciais. A palavra "Moro", com 11.050 menções, destaca-se, indicando um foco intenso nas atividades do ex-juiz e ex-ministro Sérgio Moro, bem como na operação Lava Jato, que também é significativamente mencionada com 7.536 ocorrências. Além disso, termos como "Polícia" e "Forças Armadas", com 8.656 e 1.621 menções respectivamente, refletem uma forte preocupação com segurança pública e defesa nacional. Outras questões sociais também são abordadas, como a "Amazônia" com 3.626 menções, destacando o interesse em questões ambientais, enquanto "Armas" e "Milícias", com 2.759 e 456 menções, apontam para as preocupações com violência e segurança interna.

No que se refere à educação e ciência, as menções são menos frequentes, com "Universidade" e "Ciência" obtendo 1.506 e 203 menções, respectivamente, sugerindo uma menor proeminência

desses temas nas discussões, o que não necessariamente implica irrelevância, mas não centralidade. Por outro lado, "Agronegócio" e "Evangélicos", com 622 e 510 menções, ilustram discussões sobre economia rural e influência religiosa na política, embora em menor escala. Termos como "Pátria" e "Populismo" aparecem com 409 e 304 menções e revelam a presença de um discurso nacionalista, bem como debates sobre populismo. Essa distribuição temática mostra que, no Twitter, o discurso institucional é amplamente dominado por política, justiça e segurança, complementado por um interesse significativo por questões ambientais e discussões pontuais sobre educação, economia agrícola e religião.

**Gráfico 1 - Volume de interação no Twitter do presidente no recorte do eixo instituições entre 06/2018 e 01/2022**



Fonte: Elaboração própria

O gráfico acima ilustra as interações no Twitter, destacando picos que correspondem a importantes eventos políticos no Brasil. Por exemplo, a demissão de Sergio Moro em 24/04/2020 provocou uma mobilização massiva, refletida em 910.678 likes e 201.121 respostas, o maior pico observado. Este evento ressaltou a polarização política, dado o papel de Moro como símbolo anti-corrupção, além de ser uma fissura e um reorganização interna no bolsonarismo. Em 07/09/2021, a convocação de atos pró-governo Bolsonaro também gerou significativo engajamento, com 571.137 likes e 41.987 respostas, coincidindo com o Dia da Independência. Outro pico notável ocorreu em 23/08/2019, com a mobilização em torno do uso das Forças Armadas contra queimadas, alcançando 344.881 likes e 30.259 respostas. Além desses, outras datas como 01/11/2018, 19/06/2019, 23/03/2021 e 10/11/2021 mostram grande engajamento, indicando a resposta do público a variados eventos sociais e políticos. Em resumo, o gráfico expressa de que forma tópicos políticos e sociais

essenciais intensificam a atividade online, demonstrando a estreita relação entre eventos nacionais e a participação ativa dos usuários no Twitter.

A performance que caracteriza o bolsonarismo em relação às instituições é a do ativismo e da retórica *anti-establishment*. Bolsonaro e seus parceiros políticos abraçaram a tese de que os “donos do poder”, o “estamento burocrático”, são membros de uma espécie de seita imoral de políticos venais e ideólogos oportunistas, totalmente apartada da consciência e dos interesses do povo. Integrando, em um mesmo projeto, a grande imprensa, o judiciário e as esquerdas, todos liderados pelo petismo, essa narrativa apresenta o nascimento desse conluio com a aurora da própria Nova República. A tese e seus vários refrões foi formulada por Olavo de Carvalho, desde antes de 2013 – ocasião em que adquiriu notoriedade nacional puxado pelo slogan “Olavo tem razão” – e consistia em atribuir a uma poderosa frente esquerdista um projeto político cujo conteúdo seria resultante do cruzamento de ideias pinçadas de Raymundo Faoro e Antônio Gramsci (Cf. Carvalho, 2015)<sup>40</sup>.

No momento em que o PT atravessa a tensa impopularidade de seu terceiro mandato, esse discurso ganha factibilidade e clamor suficientes para conquistar as classes médias. O bolsonarismo, educado pelo olavismo, tratou de situar essa luta ideológica no domínio das instituições, vistas como residualmente impregnadas de petismo.

Uma vez no poder, mas tendo discursado contra o establishment, coube aos bolsonaristas uma atitude bastante peculiar em relação à institucionalidade oficial brasileira. A esse respeito em uma análise conjuntural, Leonardo Avritzer (2020) havia apontado a “antipolítica” como estratégia importante do governo Bolsonaro, ao examinar a dinâmica entre o bolsonarismo e o “antipoliticismo”, destacando a tensão entre práticas democráticas estabelecidas e as tendências autoritárias do governo, nisto incluído o impacto de ações governamentais nas instituições democráticas e na sociedade civil. Tal como interpretamos, a atitude ecoou certos elementos do Brasil profundo, notadamente os que chamamos de simplismo, autodidatismo, malandrismo, autoritarismo e antidecoro.

Manifestando o *simplismo*, os bolsonaristas reduziram toda a complexidade da vida pública nacional à apressada e fácil interpretação de que os poderosos – o establishment – estão em conluio contra a moral e os costumes populares que eles pretendem defender. Em política, essa tática não é

---

<sup>40</sup> De Faoro, teriam eles absorvido a leitura de que o poder no Brasil é propriedade de quem o ocupa. De Gramsci, teriam absorvido a perspectiva de que a penetração nos espaços de poder é viabilizada por uma hegemonia moral e intelectual construída antes. Assim, para que esse grupo ideológico, que consagra um estamento mandatário e cultural, alcançasse a posição em que está, teria sido necessário disseminar, via classe jornalística e universitária, os componentes de uma mentalidade que lhe abrisse as portas do poder e que naturalizasse sua permanência nele.

nova, mas, aqui, ela foi fortalecida pelas oportunidades da impopularidade da esquerda e pelos canais de comunicação, performance e estetização das redes sociais. O jogo entre poderes sob a batuta de Bolsonaro veio a se dar como em uma disputa compulsiva, vulgar e personalista, insuflada por uma participação popular tópica, essencialmente virtual e exclusivamente conflitiva, com baixíssima cooperação e sem abertura para a concórdia com os diferentes. O que corretamente foi denominado “presidencialismo plebiscitário” (Teixeira, 2020) é parte desse todo.

O *malandrismo* bolsonarista deu cara de virtude ao descumprimento do pacto institucional, especialmente no que tange à estrutura constitucional que rege a conduta do governante. Como analisamos na sub-seção a respeito, faz parte do comportamento malandrista a atitude de desvio e a esquiva da lei, bem como a adoção de uma cosmética de disfarce, compatível com o ambiente formal de que se pretende escapar. Sob tal estampa, Bolsonaro tornou natural terceirizar a responsabilidade pelos entraves que cortavam sua administração, do início ao fim do mandato (por exemplo, passeando de jet-ski em plena pandemia, sob a alegação mentirosa de que o STF determinou que apenas os estados e municípios cuidassem da crise). Em outros momentos, mas também no interior dessa evasão de compromissos e prestações, ele repetiu o mantra do “jogar dentro das quatro linhas”: a camuflagem do malandrismo com sua atuação de deslize entre as normas, para não ser sufocado pelo peso da responsabilidade com a lei.

Recuperando o *autoritarismo* brasileiro, Bolsonaro insinuava exercer o poder de forma truculenta como se estivesse respaldado pela confiança popular em sua capacidade de organizar a suposta bagunça deixada por seus antecessores. Autoritariamente, muitas coisas foram tentadas e algumas conseguidas, quase sempre sob tom agressivo diante de um impasse legal ou de uma crítica da imprensa e sempre no estilo de dobrar apostas. Assim se deu, por exemplo, a contenda que levou Sérgio Moro a deixar o governo – o então ministro da Justiça acusou o presidente de querer interferir na Polícia Federal. Ademais, com empreendimentos de denúncia e crítica ao funcionamento das instituições, e a alguns de seus atores, predominou o ímpeto moralizador de governar como se se estivesse a “organizar a casa”, especialmente, arrefecendo a sensibilidade do social (na Economia, com Guedes; na Justiça, com Moro; no Meio Ambiente, com Sales) e recrudescendo a truculência pela intimidade exibida com o alto e médio oficialato. Assim, Bolsonaro emitia o discurso ambíguo de respeito à institucionalidade, porém sempre estando em vias de desacatá-la, sugerindo nas entrelinhas ter as Forças Armadas – aquelas que ele chegou a chamar de suas – sob seu comando, até para descumprir ordens judiciais.

Uma curiosa performance *autodidata* compartilhada por toda a equipe de governo também precisa ser considerada nesse ponto de nossa argumentação. Projetos de lei enviados pela equipe do ex-presidente ao Congresso com pouco requinte de técnica legislativa foram algumas vezes mencionados pela imprensa. A nosso ver, isso se dava sob o mesmo diapasão dos comentários sem fundamento científico para abordar biológica e farmacologicamente a crise sanitária. É possível sustentar que não foi a adesão a teorias conspiratórias, à QAnon, o único componente para a confusão dos bolsonaristas na pandemia, mas também um rotundo e orgulhoso desconhecimento de causa e desprezo por quem a conhece (Cf. Mandetta, 2020). Indo ao limite, vimos Bolsonaro, sem formação na área, receitar remédio e rabiscar a reformulação de bulas. O autodidatismo do Brasil profundo tem muito mais participação do que se pode imaginar na orientação do desempenho dos quadros políticos bolsonaristas.

Convém ainda atribuir o devido lugar ao comportamento *antidecoro* que tão bem caracterizou Bolsonaro e seus parceiros. É quase instantânea a associação entre Bolsonaro e a falta de decoro, mas no domínio institucional, alguns exemplos chamam mais a atenção. O critério para se designar o membro do STF como sendo “terrivelmente evangélico” e alguém que “tome uma cerveja comigo” estava totalmente afinado ao tratamento dos magistrados da corte sem pronome de tratamento, sem menção a cargo e referindo-se ao primeiro nome, de modo que, onde se conviria chamar “o excelentíssimo ministro Nunes Marques”, em qualquer contexto e cerimônia, Bolsonaro dizia “o Kássio”. Outrossim, houve manifestações inteiramente impróprias ao cargo no plano das relações entre chefes de Estado, como a malfadada piada do “I love you” dirigida a Trump. Além disso, ainda mais chocantes talvez tenham sido episódios como o que o ex-presidente, em tom de cumplicidade e troça, disse ao presidente de Guiné-Bissau, que acabara de elogiar o Itamaraty, o que pensava dos diplomatas brasileiros: “é tudo veado aqui”<sup>41</sup>.

Considerando o bolsonarismo não apenas pelo ângulo das ações governamentais, como também por atores da política profissional, veículos e porta-vozes da comunicação, não declarados, mas notoriamente reconhecidos como bolsonaristas, militância da sociedade civil organizada em defesa dos valores “tradicionais” e pelo empresariado simpático à ideologia conservadora, pode-se verificar sinteticamente os ingredientes simplistas, antidecoro, malandros e autoritários no trato com as instituições como no quadro 6.

---

<sup>41</sup> Ver a Coluna de Ancelmo Goes, em 11/09/2021: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/em-reuniao-bolsonaro-diz-presidente-da-guine-bissau-e-tudo-veado-aqui.html>

**Quadro 6 - Tipificação das ações do governo Bolsonaro no âmbito institucional**

<b>Categorização</b>	<b>Descrição</b>
<b>Ataque às instituições</b>	Desde o início do governo, com ampla maioria no Congresso e grande apoio popular, o bolsonarismo direciona suas energias não contra partidos de oposição, mas contra instituições que representam impasses para a governabilidade, como o judiciário, que impõe limites legais, e a imprensa, responsável pela supervisão e crítica.
<b>Preferência pelo conflito</b>	Ao longo do mandato, o governo tendeu a optar pelo conflito em vez de buscar o diálogo e cooperação, aumentando a tensão na rotina institucional.
<b>Estratégias de cooptação</b>	As principais ações do presidente incluem: (1) cooptação por meio de cargos para influenciar a máquina pública e financiamento de jornalistas e comunicadores que atacam a imprensa; (2) comunicação direta e constante com seu núcleo de apoio, mantendo um elo ideológico sem a necessidade de cooptação por cargos ou financiamento.
<b>Ações políticas específicas</b>	As ações incluem pressionar o legislativo via redes sociais para atacar individualmente certos representantes sem debates qualificados, visando prejudicar reputações ou promover cancelamentos virtuais, e defender interesses de corporações e segmentos que apoiam majoritariamente o bolsonarismo, ocupando comissões de assuntos sensíveis a esses grupos.
<b>Comunicação estratégica</b>	Os porta-vozes seguem um padrão de defesa irrestrita das ações do presidente, promoção de bolsonaristas na política e no empresariado, preparação para nomeações e destituições estratégicas, e ataque crítico massivo a instituições de impasse, com foco em juízes e grandes empresas de comunicação.
<b>Ações de militantes e empresários</b>	As ações se focam no debate ideológico e na "guerra cultural", com militância organizada nas redes sociais, aplicativos de comunicação e uso de robôs para aumentar artificialmente o volume de interações online, intensificando pressões e, ocasionalmente, insinuando ou realizando agressões físicas.

Fonte: elaboração dos autores

## SEÇÃO 2

### O EIXO POLÍTICO-IDEOLÓGICO: SADISMO, MACHISMO, MESSIANISMO E PUNITIVISMO

Do ponto de vista ideológico, os bolsonaristas se autoproclamam conservadores e levantam a tese de que o povo brasileiro é maciçamente conservador. Essa adesão é qualificada pelo percurso que os bolsonaristas fizeram desde antes da conquista do poder. O bolsonarismo conseguiu aglutinar em torno de si uma tradição desejosa de se ver representada nas estruturas do poder, mas operou uma fusão de elementos bastante peculiar. Atraiu *militares das Forças Armadas* que, fora da cena do poder político, viram em Bolsonaro um retorno possível à condução do país; *militares das forças*

*auxiliares*, as Polícias estaduais, para os quais o problema da violência urbana é endêmico, elas próprias mal remuneradas e mal equipadas, e propensas ao autoritarismo, que viram em Bolsonaro a possibilidade de ganhos materiais e simbólicos na carreira; os *evangélicos*, que reivindicam o fortalecimento da família tradicional, o casamento monogâmico e a blindagem contra a influência ideológica da agenda identitária; além de uma diversificada plêiade de ofícios os quais Bolsonaro galvanizou a maioria ou boa parte dos profissionais, como *caminhoneiros, médicos, empresários, agricultores etc.*

Esses atores integram um cenário cuja feição está também expressa e resumida nas palavras-chave que colhemos das interações de rede, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 2 - Termos mais utilizados no Twitter, considerando o Eixo político-ideológico (conservadorismo)**

Palavra/Frase	Frequência
Lula	14.251
Trump	10.759
Família	6.106
Esquerda	5.819
Deus	2.859
Ditadura	2.419
Olavo de Carvalho	825
Terrorismo	462
Tradição	419
Pátria	409
Bannon	238
Pena de Morte	166
Globalismo	109

Fonte: Elaboração dos autores

Com um olhar atento à estrutura de oportunidades políticas, ver-se-á nos números eleitorais o êxito político-ideológico desse conservadorismo. Se existia certa igualdade nos votos dos neopentecostais, distribuídos entre o PSDB e o PT, nas eleições de 2010, com uma aproximação ainda maior em 2014, o ano de 2018 trouxe um cenário alterado com o vínculo de Bolsonaro ao PSL. O que era uma diferença em torno de 10% entre o PT e o PSDB passou a ser de 40 % dos votos no segundo turno entre Bolsonaro e Haddad (Cf. Nicolau, 2020).

A pauta bolsonarista de defesa da família, contra a descriminalização do aborto e da maconha, contra o “casamento gay”, contra os movimentos feministas e LGBTQIA+, etc, tinha compartilhamento de significados com os valores e representações dos evangélicos. E esse foi o traço mais marcante da coisa. O conservadorismo bolsonarista está em sintonia com os elementos de longa duração que listamos, como sadismo, messianismo, machismo e punitivismo.

Foi recuperando o *sadismo* difuso na sociedade brasileira que o bolsonarismo respaldou a dimensão mais agressiva de sua militância ideológica. O conservadorismo aqui reivindicado pouco expressou do seu homônimo inglês, eivado de ceticismo epistêmico e prudência moral. Antes, ele foi palco para as expressões mais pedestres dos chamados discursos de ódio, além de oportunidade para revanchismos e tensões típicas das que se dão nas fronteiras entre as classes sociais. É o sadismo, em boa medida, o que alimenta o conjunto de teses de que o problema da segurança pública é a complacência da lei com o criminoso, o que confere licença para matar, expressas em frases como “bandido bom é bandido morto” ou “direitos humanos para humanos direitos”. Também é o sadismo o que se apresenta em memes propagados por comunicadores bolsonaristas como o do “cancelamento de CPF”, referindo-se à mesma coisa. (E dentro desse imenso pacote, encontramos até o chocante episódio da comemoração da morte do neto de Lula por bolsonaristas).<sup>42</sup>

O *punitivismo* é outro matiz político-ideológico do conservadorismo bolsonarista que galvanizou energia suficiente para ostentar um aparente consenso nacional com o tema da corrupção, destacadamente com a operação Lava Jato. A corrupção tratada como traço marcante da formação do Estado brasileiro possui um efeito simbólico de proporções consideráveis no imaginário popular. O punitivismo é moralmente respaldado pelo escárnio da corrupção política no país. Fundamentou a união estratégica de lavajatistas com bolsonaristas em um mesmo projeto de extrema direita e, conforme sua afinidade com o sadismo, está também presente no ímpeto de expedição urgente de sanções judiciais e até no suporte a linchamentos.

O *messianismo* desponta como a dar ao conservadorismo uma ligação automática com a mensagem cristã, não só, mas especialmente, evangélica. O cristianismo, de um modo geral, é fonte para o conservadorismo, como o proclama a maior parte dos conservadores no país, mas Bolsonaro recebe a alcunha de “primeiro presidente ‘evangélico’ do Brasil” (Arenari, 2021) por sua afinidade com a pauta e a linguagem dos mega-pastores influentes e por sua sintonia com o imaginário popular dos emergentes nas classes C e D. Ser conservador seria crer em uma espécie de redenção operada pelo escolhido, o único capaz de barrar o “globalismo” que imprimiria contra os valores

<sup>42</sup> Ver matéria de Catraca Livre: <https://catracalivre.com.br/cidadania/comentarios-maldosos-sobre-morte-do-neto-de-lula-revoltam-a-web/>

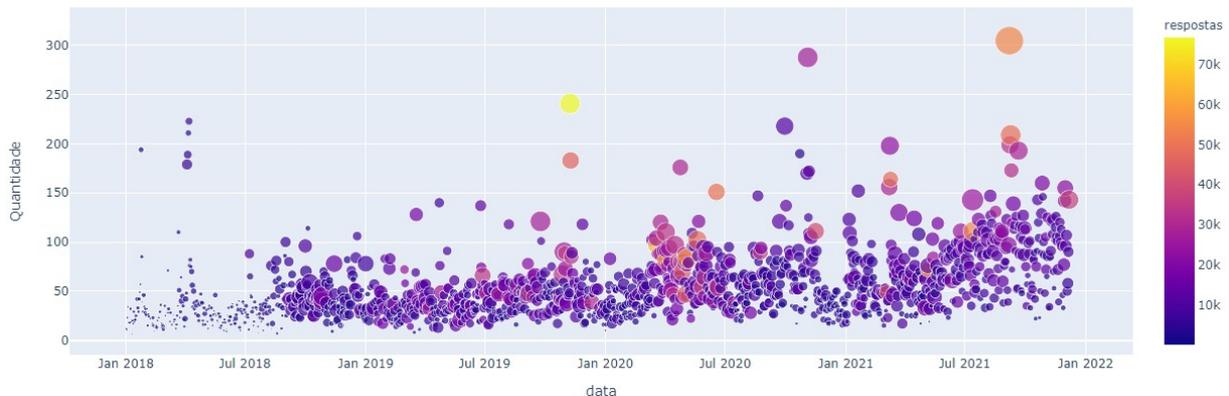
tradicionais cristãos a chamada “ideologia de gênero”. É, também, para atizar o mesmo messianismo profundo na mentalidade brasileira que os bolsonaristas da política profissional aproveitam todas as oportunidades de exhibir o seu líder em condições de padecimento, especialmente nos casos de hospitalização incansavelmente escandalizados, consolidando a narrativa de uma luta espiritual em que Bolsonaro aparece como um messias abatido por forças malignas, mas resiliente e tenaz em sua peregrinação para salvar o Brasil.

O conservadorismo bolsonarista reluz o elemento longevo do *machismo*. Na mesma mão em que se rejeita os discursos identitários de esquerda, entre os quais os feministas, o bolsonarismo dobra a aposta em suas antíteses, e a fonte de sua oposição é um machismo consciente e orgulhoso. O masculino representa quase o monopólio do controle e da estabilidade. Isso permite ao bolsonarismo determinar o papel da mulher: não perturbar a primazia do homem para não comprometer a saúde da sociedade. Para compensar isso, lança mão de uma valorização da estética "clássica" do feminino, nada mais do que a confirmação do mesmo balaio de crenças e valores machistas. Atravessando esse feixe, Bolsonaro protagonizou, antes, durante e depois da presidência, muitos episódios de agressão contra mulheres, especialmente jornalistas, além dos ordinários ataques e piadas contra gays já citados, a pretexto de celebrar a masculinidade como componente estabilizador do lar, da família e da sociedade<sup>43</sup>. O gráfico mensura as palavras mais emitidas por Bolsonaro no trato com temáticas associadas ao conservadorismo:

---

<sup>43</sup> No livro *Conservadorismo, fascismo e fundamentalismo*, organizado por Ronaldo de Almeida e Rodrigo Toniol (2018, p.109), evidencia-se o mosaico conservador que se une em torno do bolsonarismo durante o pleito eleitoral: “Os principais temas de conflito no subeixo defesa da família são a luta contra o aborto, a união civil entre pessoas do mesmo sexo e a descriminalização das drogas. Enquanto no eixo do Regime, o MBL, o Vem pra Rua e os Revoltados Online responderam pela convocação, contando com recursos financeiros advindos de suas ligações com setores da burguesia paulista, no subeixo defesa da família a centralidade está nas organizações religiosas, sobretudo de origem neopentecostal, que constituíram a principal base do protesto. O evento mais importante desse campo foi a Marcha para Jesus, que acontece na cidade de São Paulo desde 1993. Como vimos, em 2014 e 2015 a Marcha assume como tema a luta contra a corrupção, mas ao longo do período seus temas remetem prioritariamente para a defesa da família”. Nenhum dos eixos acima são apenas uma exceção conjuntural do bolsonarismo, mas parte circunscrita à própria ideia de Brasil. Por trás da defesa da família, da luta contra a descriminalização do aborto, contra a descriminalização da maconha, está uma concepção que preza pela a necessidade de um Estado mais forte e regulador da vida social, ou seja, é como está inscrito na bandeira nacional: ordem e progresso.

**Gráfico 2- Volume de interação no Twitter do presidente no recorte do eixo conservadorismo entre 06/2018 e 01/2022**



Fonte: Elaboração dos autores

Aqui, destacam-se as datas em que houve significativas interações. Sobressai-se o dia 07/09/2021, em que ocorreu grande engajamento nas redes com as convocações de Bolsonaro para que seus apoiadores reagissem ao STF em plena comemoração da Independência. Em 04/11/2020, logo após as eleições nos EUA, uma grande mobilização ocorreu com 413.426 likes e 27.901 respostas, refletindo o impacto global do evento sobre o debate a respeito dos temas que mobilizam os conservadores no Brasil. Outro pico ocorreu em 08/11/2019, com 428.356 likes e 76.824 respostas, quando Bolsonaro reagiu à decisão europeia de não financiar o fundo da Amazônia, evidenciando a tensão entre agendas ambientais internacionais e orientações das políticas de governo. Essas datas ilustram como momentos de alta visibilidade internacional e decisões políticas externas podem aquecer a base que se autodeclara conservadora no Brasil.

### SEÇÃO 3

#### **O EIXO CULTURAL: SIMPLISMO, MACHISMO, AUTORITARISMO, PUNITIVISMO, SADISMO, ANTIDECORO, MESSIANISMO**

Através de diferentes elementos, deu-se a consolidação do caldo cultural bolsonarista. Desde 2015, vídeos compilando manifestações polêmicas e agressivas de Bolsonaro passaram a circular no YouTube, sendo tratadas como "mitadas" pelos apoiadores. Uma estratégia de comunicação direta com os eleitores, sem passar pelo filtro da imprensa, permitiu a adaptação do discurso e uma maior

conexão com o público – que não foi um receptor passivo dos produtos de um escritório de marketing, mas um co-partícipe na consagração da escalada de um personagem histórico<sup>44</sup>.

Uma mudança notável na expressão cultural das divergências políticas observáveis no deslocamento do debate público para a esfera moral, da vida privada e das identidades, favoreceu ao bolsonarismo. Esse processo tem influências de um contexto mais global, marcado pela ascensão de novas modalidades de difusão e ação política da direita (Teitelbaum, 2020), mas também demarca um guinada na política e cultura nacionais que se desenvolvem de modo explícito desde a virada do século XX para o XXI. (Rocha, 2021) O bolsonarismo agiu por meio da atualização de repertórios conservadores nacionais combinados com os *updates* da extrema direita internacional. Essa espécie de sincretismo conservador resultou em um conjunto de elementos culturais – identitários e estéticos – que caracterizam e fazem reconhecer o bolsonarismo e a figura de Bolsonaro de modo explícito e que guardam conexão com elementos pré-existentes do contexto nacional.

A ascensão das novas direitas nas redes sociais coincidiu com mudanças nos algoritmos das plataformas, como o Facebook, que priorizaram a aparição de notícias no *feed*. Isso alavancou a proliferação de notícias falsas e a disseminação de discursos “politicamente incorretos”, em oposição ao politicamente correto associado à esquerda (Di Carlo; Kamradt, 2018). Dessa forma, temas impulsionadores, como pedofilia, incesto, homossexualidade, estupro e drogas, passaram a ser explorados como estratégia de engajamento. O bolsonarismo se firmou como um movimento que utiliza as redes sociais e os aplicativos de mensagem como ferramentas de comunicação direta com os eleitores, permitindo a construção de uma base sólida e a promoção de sua agenda moral e política. Deu-se com isso a montagem de um ecossistema de difusão digital, o que incluiu o uso massivo de desinformação (Santos, 2019). Ao que parece, o desenvolvimento do glossário cultural do bolsonarismo de 2020 a 2023 reafirmou seus termos de formação, os sofisticando e os rearticulando. A tabela abaixo elenca as palavras mais mobilizadas no período:

---

<sup>44</sup> A família Bolsonaro desempenhou um papel importante na construção do bolsonarismo nas redes sociais. Carlos Bolsonaro colocou seu pai online em 2010, criando um blog com imagens da família para gerar uma imagem positiva. Em 2014, a página no Facebook de Bolsonaro já contava com meio milhão de seguidores, e sua votação quadruplicou. Essa estratégia permitiu a Bolsonaro ter um canal direto de comunicação com seus eleitores e adaptar seu discurso às demandas do público. Cf. A série *Retrato Narrado* (do Spotify e Revista Piauí, produzida pela Rádio Novelo) contém detalhado perfil da figura de Bolsonaro.

**Tabela 3 - Termos mais utilizados nas postagens do Twitter, considerando o Eixo Cultura**

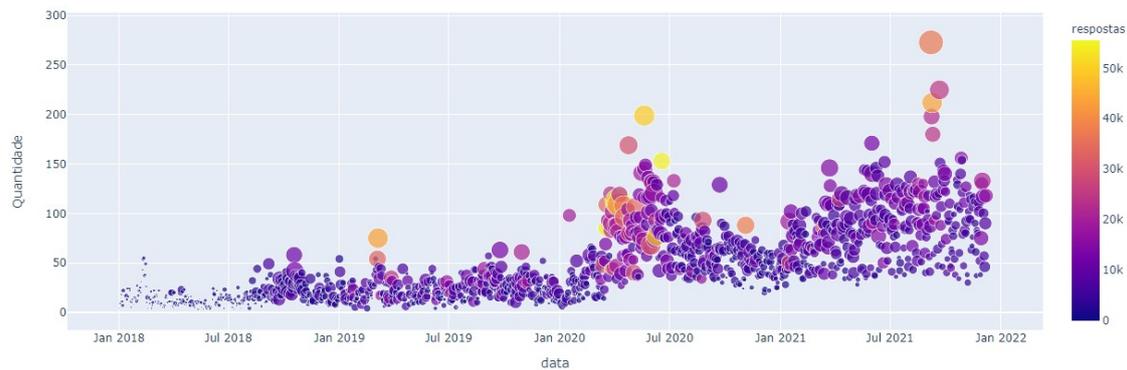
Palavra	Frequência Numérica
Pandemia, Cloroquina, hidroxicloroquina e tratamento precoce	15909
Fake News	3.597
Cultura	2.524
Carnaval	1.845
Racismo	1.697
Indígenas	1.532
Estupro	1.199
Arte	1.022
Gênero	1.009
Artistas	987
Remédios	693
Identidade	427
Índios	411
Televisão	392
Raça	280
Rouanet	250
Feminismo	205
Quilombolas	161
Sertanejo	156
Homossexualidade	133

Fonte: Elaboração dos autores

Conforme a tabela sugere, o bolsonarismo opera culturalmente por meio da captura de temas sensíveis da moralidade, como família, sexualidade, infância, segurança pública, aborto, através da sua simplificação discursiva que oscila da agressividade ao humor (Chagas, 2020). De modo instrumental, o bolsonarismo utilizou de forma engenhosa as ferramentas de comunicação digital, capilarizando sua mensagem e mantendo-a presente de forma permanente na esfera pública, o que se mostrou na produção de desinformação e memes<sup>45</sup>. O gráfico abaixo analisa o eixo da cultura e a "agenda de costumes" no Twitter revela picos significativos de interação em datas específicas, refletindo o impacto de declarações e eventos políticos sobre questões culturais:

<sup>45</sup> O fenômeno do bolsonarismo nas redes sociais ganhou destaque a partir de 2014, quando Jair Bolsonaro, já reeleito deputado, decidiu se preparar para voos mais altos e começou a se engajar com eleitores jovens através das redes sociais. Essa estratégia mostrou-se eficaz, com Bolsonaro conquistando seguidores e sendo recebido em aeroportos sob os gritos de "mito". Ao mesmo tempo, seu filho, Eduardo, se aproximou de Olavo de Carvalho, então o guru da nova direita radical.

**Gráfico 3 - Volume de interação no Twitter do presidente no recorte do eixo cultura entre 06/2018 e 01/2022**



Fonte: Elaboração dos autores

Observando a dinâmica aí expressa, alguns elementos chamam atenção. É particularmente notável, outra vez, o dia 07/09/2021 quando registrou-se uma mobilização intensa com mais de 20.000 respostas e 200.000 likes diariamente. Outro momento de destaque ocorreu em 20/05/2020, quando o então presidente fez uma declaração sobre o uso da cloroquina no tratamento da Covid-19: “Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaina”, o que gerou 365,651 likes e 49,485 respostas. Esta data reflete não apenas a polarização na saúde pública, como também nas divisões culturais e ideológicas. De 2018 a 2022, observa-se um crescimento progressivo das interações com as postagens relacionadas a temas que explicitam tais cisões. Isso indica como as redes sociais se tornaram um campo de batalha para debates culturais intensos. Os temas destes debates figuram no amplo domínio cultural em que afloram os elementos de longa duração que definimos como sendo: machismo, autoritarismo, punitivismo, sadismo, simplismo, messianismo e antidecoro.

Começemos pelo primeiro: o *machismo* aparece na exaltação de práticas e representações hiper-masculinizadas. Esse traço é observável pelo exercício naturalizado da misoginia, a ênfase no discurso da manutenção do poder patriarcal como elemento estruturador da família e a performance, adorada por seguidores, de uma liderança que teria disponibilidade sexual incessante, o "imbroxável". O bolsonarismo se destaca na criação de uma forte coesão identitária ao acentuar supostos marcadores de diferença física e moral, especialmente em relação a mulheres e à população LGBT.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Há aí parte daquilo que Rosana Pinheiro-Machado apontou em dois artigos publicados na Intercept Brasil em 2018 e 2019 acerca do elemento fundante que a misoginia detém no bolsonarismo: <https://theintercept.com/2018/09/11/eleitores-bolsonaro-violencia-policial/> e <https://theintercept.com/2019/01/08/extrema-direita-feministas-antirracistas-lgbts/>. (Acesso em 10/07/2023).

A hiper-masculinização é um aspecto cultural coextensivo ao *autoritarismo*, verificável no incentivo ao arbítrio policial como puro exercício da força, bem como na exaltação de uma estética militar energizada pelo uso ostensivo de armas de fogo em locais públicos. No contexto da segurança pública, essa abordagem toma a forma da exaltação do *punitivismo* e do *sadismo*, com ênfase na sanção violenta e imediata à revelia da lei, esta tida como leniente – leniência esta que seria herdada da esquerda.

Como desdobramento desse tópico, o bolsonarismo promove um *simplismo* pela exaltação de uma suposta maior racionalidade – muito bem exemplificada no apelo ao racional Paulo Guedes, o Posto Ipiranga – caudatária de uma resolutividade masculina. Foi isso parte de sua narrativa política de posição anti-sistema, i.e., anticomplexidade (redução da burocracia como sinônimo de redução do Estado). Tal visão associada à masculinidade é frequentemente enfatizada no discurso e nas práticas do bolsonarismo, em especial onde ele é mais efetivo: nos espaços digitais. Foi por ela que, mesmo diante da doença potencialmente mortal da COVID, ideias simplistas foram manifestadas e enaltecidas: O presidente Bolsonaro adotou uma postura de minimização dos riscos da doença, receitou remédio sem eficácia e se opôs a adotar medidas de prevenção. A atitude de desafio e de negação dos perigos da doença reforçou no imaginário bolsonarista a imagem de coragem e resistência diante da adversidade, e, ao mesmo tempo, de apoio e incentivo ao cidadão que precisava sair para trabalhar sob a penumbra das incertezas e riscos de contaminação.

Outro elemento é o *antidecoro*. Ele está na exibição teatralizada de comportamentos tidos como pouco refinados e algo grosseiros, como na fatídica fotografia do café da manhã com destaque para o pão com leite condensado. É também culturalmente indecoroso o bolsonarismo por exaltar condutas de insubmissão às regras formais, legais e de etiqueta, uma resistência às normas e instituições existentes que se manifesta como uma forma de deslegitimar as estruturas da ritualística das democracias constitucionais e desconsiderar seus mecanismos e processos. Esse traço é parte de uma construção de contornos políticos e de personalidade interpretados como de um caráter destemido e autêntico. Alguns traços desse *antidecoro* podem assumir a forma de uma estética grosseira e por vezes de uma rejeição à institucionalidade que desemboca na aversão e mesmo confronto a formas artísticas contemporâneas.<sup>47</sup>

Outro fator relevante foi, novamente, a contribuição evangélica para a amálgama cultural bolsonarista, especialmente o elemento profundo do *messianismo*. Bolsonaro passou a circular em

<sup>47</sup> Duas matérias são especialmente interessante por captarem algo do espírito da estética bolsonarista: <https://revistacult.uol.com.br/home/estetica-bolsonarista-contrarrevolucao-patriarcal/>. <https://www.vice.com/pt/articulo/8xwn4a/bolsonaro-e-vaporwave-a-tentativa-estetica-tardia-de-um-governo-que-rejeita-arte>.

uma rede de perfis de pastores, cantores gospel e artistas evangélicos, que foram mobilizados para pressionar deputados contra projetos com pautas que tocassem na dimensão moral citada anteriormente. A conexão com a comunidade evangélica fortaleceu sua imagem de defensor das causas conservadoras, o que se potencializou pelo uso da estrutura de comunicação dos evangélicos, estabelecida há muitos anos. Assim, Bolsonaro e o bolsonarismo foram ocupando espaços no parlamento com uma agenda conservadora e reforçaram meios de comunicação alternativos. Uma nova cultura política também passou a ser semeada, doravante nos cultos de forte participação popular – o que contrasta agudamente com a militância organizada tal como pelas esquerdas, em sindicatos, partidos políticos e centros acadêmicos.

É importante ressaltar que a face cultural do bolsonarismo se manifesta de muitas formas, de acordo com a diversidade social e regional do Brasil. Tem maior penetração em ambientes sociais que consideram razoáveis os argumentos de uma suposta crise moral da sociedade brasileira ou enxergam recentes mudanças como possíveis ameaças.

## CONCLUSÃO

O bolsonarismo tem pelo menos essas duas dimensões de destaque: a política e a sociocultural. O nosso objetivo foi mostrar como o êxito político dos bolsonaristas e de seu líder-mor – a princípio, no contexto pandêmico, mas não só – enraíza-se na dimensão sociocultural do fenômeno. Essa dimensão pode ser compreendida por meio da análise de alguns dos elementos formativos da sociedade brasileira. Mas dizer que suas raízes são socioculturais não é diminuir a sua marca política. É por ser um fenômeno político que o bolsonarismo aciona determinados traços profundos da realidade nacional e não outros, em contextos de disputa eleitoral, de tensão institucional e de contenda no debate público. Também é por isso que as análises acadêmicas e os enquadramentos midiáticos primam por temas como o da polarização. Ademais, é por isso que a lista de elementos que propomos para estudar o assunto terminou por ter o tom que veio a ter.

Reconhecemos que o nosso tratamento enseja duas sensações imediatas. Ao recortar e enfatizar tópicos como sadismo, o autoritarismo, o punitivismo, o antidecoro e o machismo em um mesmo elenco de dispositivos analíticos, causamos a impressão de que ou o brasil profundo é necessariamente um compilado de caracteres fadado a dar errado enquanto experiência popular, ou o bolsonarismo é socioculturalmente viciado, degenerado e negativo. Em outras palavras, um vaticínio apressado do primeiro ou uma mera depreciação do segundo. Não é nem uma coisa, nem outra. O brasil profundo é constituído por muitos outros elementos, como a festividade, a plasticidade, a porosidade, a miscibilidade e tantos mais. O nosso conjunto expressa uma sociedade moderna, ambígua e singular em seus termos, como qualquer outra. O que explica a lista de seus elementos em sintonia com o bolsonarismo é justamente a atração exercida pela dimensão política do fenômeno, animada por fatores conjunturais de polêmicas, tribalismos, e de uma impactante crise sanitária, tudo exageradamente teatralizado para caber em marketing digital de promoção e de ataque recíprocos. Nosso repertório de itens interpretativos é coerente com a leitura possível do bolsonarismo dados os contextos em que ele mais opera.

O brasil profundo não é uma tese sobre a essência do “ser brasileiro”. Este “ser” não designa uma realidade última, categorizável como substância, mas apenas um *verbo*, uma ação. É nas formas de agir, pensar, produzir, interagir, sofrer, representar etc. colhidas das pesquisas acadêmicas, das modalidades de arte consagradas, como a canção popular e a literatura, dos ensaios de interpretação do Brasil, dos textos históricos e da observação empírica e intuitiva que reconhecemos o ser brasileiro em sua efetividade e contingência: um processo, um constructo, um laboratório, um

inacabado. E é só nesse sentido que se pode falar em brasilidade. Por isso, brasil profundo mais nos serve como uma *noção* qualificada para interpretações de fenômenos da coletividade humana do que um paradigma estanque de conteúdos determinados e imutáveis. Por se referir a assuntos do campo das humanidades, ela contempla a imbricação entre as variações episódicas e as continuidades renitentes que caracterizam os fenômenos de seu conjunto, razão pela qual aderimos ao expediente teórico da *longa duração* enquanto retrato mais fiel dos processos de formação e consolidação das mentalidades em uma sociedade – no caso, a brasileira. Assim, o brasil profundo remete a fenômenos cuja ocorrência temporal é, por assim dizer, magmática<sup>48</sup>: longa, lenta e densa, o que não quer dizer incondicional e irrevogável. São eles que compõem a totalidade singular do Brasil.

Ao relacionarmos o bolsonarismo com o brasil profundo, não estamos promovendo sua naturalização ou essencialização. Contrários às interpretações apressadas e politicamente motivadas, propomos apenas atribuir o devido lugar a esse importante fenômeno sociocultural de nossa história recente. O bolsonarismo conseguiu se consolidar no Brasil ao se apropriar de elementos profundamente enraizados na sociedade, que nós diagnosticamos como aspectos do brasil profundo, tais como o punitivismo, o autodidatismo, o machismo, o simplismo etc. Diversos meios foram utilizados como estratégia para reverberá-los no debate nacional e polarizar as discussões políticas, especialmente em períodos eleitorais. Isso facilitou a comunicação com um público mais amplo. A articulação desses elementos ocorreu de forma eficiente por conectar a moralidade popular aos recursos das ferramentas digitais. O bolsonarismo soube explorar as redes sociais e as plataformas para disseminar suas ideias e se aproximar de seus seguidores, criando uma atmosfera de engajamento e pertencimento.

Gradativamente, as aparições do líder do movimento em programas humorísticos e populares permitiram que ele se promovesse de forma acessível, consolidando uma imagem caricatural, mas também autêntica e transparente, que lhe garantiu certa liberdade para proferir ofensas e defender ideias controversas. Esse estilo de autopromoção, somado ao uso sofisticado de técnicas de comunicação digital, possibilitou o ativismo de um amplo número de pessoas, contribuindo para a expansão do bolsonarismo. Mas esse alcance só foi e é possível graças ao enraizamento dos comportamentos, crenças e valores que integram a formação sociocultural brasileira historicamente e que Bolsonaro conseguiu confluir.

---

<sup>48</sup> Esse termo, em especial, nós extraímos da filosofia social de Cornelius Castoriadis (1987), em seu esforço de propor uma categoria alternativa à lógica conjuntista-identitária à qual sucumbiram os teóricos que explicam a sociedade por remissão à categoria estrutura. O magma de significações é o que Castoriadis entende ser a condição ontológica básica de qualquer sociedade, significações essas das quais se é possível reconhecer a singularidade do mundo social em questão. A nosso ver, dizer que há fenômenos magmáticos é reconhecer um domínio profundo de constituição da singularidade da sociedade brasileira, domínio em que figuram certos caracteres do brasil profundo.

Ao explorar questões como segurança pública, corrupção, valores conservadores e temas relacionados à sexualidade e à família, o bolsonarismo atraiu para si seguidores que se sentiam representados, tanto em virtude de suas trajetórias e formações pessoais, quanto das circunstâncias sociais repletas dos problemas que Bolsonaro e seus companheiros denunciaram de forma simples e com tons messiânicos.

A estrutura de oportunidade política que pavimentou o caminho conjuntural para o bolsonarismo foi composta por elementos arraigados na cultura brasileira associados ao ambiente digital de hiperconectividade, à mobilização popular de novos atores e ao contexto internacional de esgarçamento da socialdemocracia e crescimento das agendas de extrema direita. Isso estabeleceu uma sólida base de apoio ao personagem emergente de Bolsonaro. Ao criar uma identidade coesa e utilizar estratégias de comunicação eficientes, o bolsonarismo se firmou como um imaginário relevante na cena política e cultural do país. Sua permanência não é uma função das pressões conjunturais, mas o resultado de relações, representações e práticas fundantes e contínuas de experiências coletivas do Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, M.P.; BARROS S.; CARREIRO, R.; GOMES, W. *Democracia Digital no Brasil: obrigação legal, pressão política e viabilidade tecnológica*. In: *MATRIZES - Revista da USP*. v.13, n. 3, 2019.

ALONSO, Angela. *Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito*. Sociologia & Antropologia, v.02, n.03, p. 21-41, 2012.

ALONSO, Angela. *A política das ruas: protestos em São Paulo de Dilma a Temer*. Novos Estudos - CEBRAP. São Paulo, edição especial, p. 49-58, jun. 2017.

AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Tocaia Grande*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

ANDRADE, Oswald de. *"A utopia antropofágica"*. São Paulo: Globo, 2011.

ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa de; CARVALHO, Alba Maria Pinho de. *Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo*. Revista Katálysis. v. 24, n. 1, jan.-abr. 2021.

AVRITZER, Leonardo. *Política e Antipolítica: a crise do governo Bolsonaro*. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

BALDAIA, F. ARAÚJO, S. ORNELAS, R; MEDEIROS, T. O brasil profundo em Casa Grande & Senzala. In SUGAMOSTO, Alexandre (org.), *Compreender Freyre*. Rio de Janeiro: Edições Sol da Pátria, 2023.

BARROS, Matheus de Carvalho. *Neofascismo e Neoliberalismo: o fenômeno Bolsonaro*. Ensaios, n. 17, p. 136-158, 2021.

BOSCO, Francisco. *A Vítima tem sempre a Razão?* São Paulo: Todavia, 2017

BRAUDEL, Fernand. *A longa duração*. In: *Escritos sobre a História*. Lisboa: Perspectiva, 1992.

CALDEIRA NETO, Odilon; GONÇALVES, Leandro Pereira. *O Fascismo em Camisas Verdes*. FGV Editora, 2020.

CARVALHO, L. *Valsa brasileira: do boom ao caos econômico*. São Paulo: Todavia, 2018

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o Longo Caminho*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_, *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_, *Forças Armadas e Política no Brasil*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

\_\_\_\_\_. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, No 38.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *O cadete e o capitão: A vida de Jair Bolsonaro no quartel*. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

CARVALHO, Olavo. Basta, Fora. *Diário do Comércio*, 11/06/2015. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/basta-fora/>

CASTORIADIS, Cornelius. A lógica dos magmas e a questão da autonomia. In \_\_\_\_\_, *As Encruzilhadas do Labirinto II: Os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 407-442.

CATRACA LIVRE. Comentários maldosos sobre morte do neto de Lula revoltam a web. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/comentarios-maldosos-sobre-morte-do-neto-de-lula-revoltam-a-web/>. Acesso em 16 de junho de 2023.

CEPÊDA, Vera Alves. *A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.23, n.2 (2018) - mai./ago.

CERVI, Emerson Urizzi; WEBER, Maria Helena. *Impactos político-comunicacionais nas eleições brasileiras de 2018*. Curitiba: CPOP / Carvalho Comunicação, 2021.

CHAGAS, Viktor; FREIRE, Fernanda. *Quando o jornalismo político é uma piada: análise do conteúdo político do Sensacionalista e sua repercussão em mídias sociais*. *Revista Rumores*, v. 12, n. 24, jul./dez. 2018.

CIRINO DA SILVA, Cris Guimarães. *O bolsonarismo da esfera pública. Uma análise Foucaultiana sobre os conceitos de pós-verdade, fake news e discurso de ódio presentes nas falas de Bolsonaro*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, 2020, 238f.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Ed. UBU/ Ed. SESC, 2016

CNN BRASIL. Bolsonaro acumulou 158 pedidos de impeachment; Câmara acabará de arquivá-los hoje. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-acumulou-158-pedidos-de-impeachment-camara-acabara-de-arquiva-los-hoje/>. Acesso em 22 de maio de 2023.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.

DEMURU, Paolo. *Teorias da conspiração e populismo messiânico no Brasil contemporâneo: uma perspectiva semiótico-cultural*. *Estudos Semióticos*, v. 17, n. 2, p. 264-291, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.180942>.

DI CARLO, Josnei; KAMRADT, João. *Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira*. Teoria e Cultura, vol. 13, n. 2, p. 55-72, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12431/0>.

MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). *Os militares e a crise brasileira*. São Paulo: Alameda, 2021.

ESSA Tal Rede Social. Disponível em: <https://essatalredesocial.com.br/>.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Editora Global, 2013.

\_\_\_\_\_, Gilberto. *Uma cultura ameaçada e outros ensaios*. São Paulo: É Realizações, 2010.

GALA, Paulo; RONCAGLIA, André. *Brasil, uma economia que não aprende*. São Paulo: Edição do Autor, 2020.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Série Bom Livro. São Paulo: Ática, 1998.

LOWI, Michel. *Sobre o Conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber*. In: PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *50 contos - Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Crônicas - v. 1*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1942.

MANDETTA, Luiz Henrique. *Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus*. Ed. Objetiva, 2020

MANSO, Bruno. *A República das Milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2020.

MARTINS, José de Souza. *Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora*. Tempo Social, 8(2), 11-26, 1996 <https://doi.org/10.1590/ts.v8i2.86293>

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. *Para mapear o confronto político*. Lua Nova, São Paulo, 76, p. 11-48, 2009.

MEDEIROS, Tiago. *Bolsonaro e transparência como trunfo*. Revista Cult, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/bolsonaro-e-a-transparencia-como-trunfo/>

MESSENERG, Débora. *A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros*. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 32, n. 3, set./dez. 2017.

NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. São Paulo: Ed. Zahar, 2020

NOBRE, Marcos. *Ponto Final: a guerra de Bolsonaro contra a Democracia*. São Paulo: Todavia, 2020.

O GLOBO. Em reunião, Bolsonaro diz a presidente da Guiné-Bissau: "É tudo veado aqui". Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/em-reuniao-bolsonaro-diz-presidente-da-guine-bissau-e-tudo-veado-aqui.html>. Acesso em: 05 de abril. 2023.

OLIVEIRA VIANA, Francisco de., J. *Instituições Políticas Brasileiras*. Brasília: Coleção Biblioteca Básica Brasileira do Senado Federal, 1999.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. *Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo*. Cadernos IHU Ideias, v. 16, n. 278, p. 2-13, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf>.

PRADO Jr. Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: Formação e Sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

ROCHA, Camila. *O Boom das Novas Direitas Brasileiras: financiamento ou militância?* In: *O Ódio como Política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, Camila. *O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil*. Millcayac - Revista Digital de Ciências Sociais, Mendoza: Centro de Publicações, FCPyS, UNCuyo, v. IV, n. 7, p. 95-120, 2017. ISSN: 2362-616x.

ROCHA, José César de Castro. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SANTOS, João Guilherme et al. *WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018*. Comunicação & Sociedade, v. 41, n. 2, p. 307-334, 2019.7

SANTOS, Matheus Rodrigues dos. *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise dos usos do nacionalismo e patriotismo na candidatura presidencial de Jair Bolsonaro em 2018*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, 134f., 2021.

SCHWARCZ, Lilia. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

SOLANO GALLEGOS, Esther. *La Bolsonarización de Brasil*. Documentos de Trabajo IELAT – No 121, abril 2019.

SILVA, Emanuel F. da. *Os direitos humanos no "bolsonarismo": "descriminalização de bandidos" e "punição de policiais"*. Conhecer: Debate Entre O Público E O Privado, 9(22), p.

133–153, 2019.

TEIXEIRA, Carlos Sávio Gomes. *O presidencialismo plebiscitário: de Bolsonaro à solução*. Jornal Nexo. 08/07/2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/O-presidencialismo-plebiscit%C3%A1rio-de-Bolsonaro-%C3%A0-solu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 11 de abril de 2020.

THE INTERCEPT. Eleitores de Bolsonaro apoiam violência policial. Disponível em: <https://theintercept.com/2018/09/11/eleitores-bolsonaro-violencia-policial/>. Acesso em 15 junho 2023.

THE INTERCEPT. Extrema-direita ataca feministas, antirracistas e LGBTs. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/01/08/extrema-direita-feministas-antirracistas-lgbts/>. Acesso em 15 de junho de 2024.

UNGER, R.M. *Depois do Colonialismo Mental: repensar e reorganizar o Brasil*. São Paulo: Autonomia Universitária, 2018.

VILLAS BOAS, Luciana. *A República de chinelos: Bolsonaro e o desmonte da representação*. São Paulo: Ed.34, 2022.

WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais*, parte 1. Trad. Augustin Wernet. 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2001a.

WEBER, M. *Metodologia das ciências sociais*, parte 2. Trad. Augustin Wernet. 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2001b.

ISBN 978-655376391-3



9

786553

763913